



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

VALKIRIA APOLINÁRIO

**ESTUDO DE ASPECTOS FONOLÓGICOS DO BANÍWA (ARUÁK) DO
MÉDIO IÇANA, POR UMA FALANTE NATIVA**

Brasília, DF
2020

VALKIRIA APOLINÁRIO

**ESTUDO DE ASPECTOS FONOLÓGICOS DO BANÍWA (ARUÁK) DO
MÉDIO IÇANA, POR UMA FALANTE NATIVA**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

**Brasília, DF
2020**

VALKIRIA APOLINÁRIO

**ESTUDO DE ASPECTOS FONOLÓGICOS DO BANÍWA (ARUÁK) DO
MÉDIO IÇANA, POR UMA FALANTE NATIVA**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Linguística, do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Brasília, 27 de outubro de 2020.

Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Dra. (Presidente)
Universidade de Brasília – UnB

Prof. Dr. Rodrigo Albuquerque Pereira (Membro interno)
Universidade de Brasília–UnB

Prof. Dr. Fábio Pereira Couto. (Membro externo)
Universidade Federal de Rondônia–UNIR-RO

Prof. Dr. Sanderson Castro Soares de Oliveira (Membro externo)
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

**Brasília, DF
2020**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ele ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia!

Ao meu pai Felisberto Apolinário, a minha mãe Elizabete Júlia e aos meus irmãos.

Ao meu esposo Franklin Baníwa, meus filhos Frankito, Diego, Gilmar, Thaís, Nyrah e Maria e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Dedico este trabalho também aos meus avós paternos e maternos, “In Memoriam”, Laureano Apolinário, Mário Benjamim e Júlia Olegário, pois sem eles este trabalho e muitos dos meus sonhos não se realizariam.”

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer à Deus, pela saúde, força e bondade, e por me conduzir para que eu pudesse viajar, estudar, pesquisar, participar e desenvolver todas as atividades necessárias para obter créditos e vencer esta etapa acadêmica da vida. Também pelos cuidados que tem por mim e pelos meus familiares nos momentos de dificuldades, momentos de tristezas e de perigos que enfrentei ou poderia ter enfrentado se não fosse Ele.

Com esta fé que quero começar agradecendo à Universidade de Brasília (UnB), que, por meio do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) do Instituto de Letras (IL), me acolheu com carinho, respeito e reconhecimento. Disponibilizou todas as condições materiais necessárias e importantes para que eu pudesse estudar com dignidade e comprometimento.

Agradeço à Fundação Estadual de Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pela concessão de bolsa de estudos. Por tudo isso, agradeço imensamente à Universidade de Brasília (UnB).

Agradeço a minha professora orientadora, Ana Suely Arruda Câmara Cabral, que, com sua respeitosa e reconhecida competência profissional, me ensinou e me orientou em direção segura e responsável. Com muito profissionalismo, responsabilidade e compromisso me orientou destacando os assuntos que eu deveria explorar com mais detalhes, assim como os pontos desnecessários. Agradeço aos professores de todas as disciplinas que cursei para obter os créditos e àqueles com quem tive aulas de disciplinas optativas. Com eles aprendi não apenas os conteúdos das disciplinas, mas exemplos de responsabilidade, caráter, moralidade, humildade, respeito e aprendizagens.

Às secretárias do Programa de Pós-Graduação em Linguística, que me recebiam muito bem no Departamento e me atendiam em tudo que eu precisava, como declarações, históricos escolares e muitos outros serviços que precisava de cada um (a) deles (as). Muito obrigada por tudo que fizeram por mim durante o período!

Aos meus irmãos, que sempre se preocuparam comigo, me enviando mensagens em redes sociais para saber como estou com a minha família, como anda meu trabalho, estudo e outros assuntos de nossos interesses. Apesar de morarmos distantes uns dos outros, sempre procuramos nos manter ligados, seja através de redes sociais, telefonemas e encontros presenciais quando temos as oportunidades. Meu sincero agradecimento a todos vocês meus irmãos, meus primos, tios, tias e parentes, que me incentivaram direta e indiretamente.

Agradeço aos meus pais, pois devo a eles os saberes e conhecimentos que tenho sobre os Baníwa. Sem eles ou sem a educação, ensinamento de respeito e amor ao próximo que me deram e dão, talvez, não estaria aqui defendendo essa dissertação. Eu poderia ter tomado rumo diferente se não fossem os conselhos deles e das preocupações que tinham comigo de repassar as histórias e mitologias que sabiam para mim. Por tudo isso, agradeço a eles imensamente. Meu muito obrigado, pai! Meu muito obrigado, mãe! Agradeço aos amigos e amigas, colegas e parentes que contribuíram comigo direta e indiretamente nas informações necessárias para formação dessa dissertação. Agradeço, principalmente, aqueles e aquelas com quem conversei sobre os assuntos aqui registrados. Obrigado pela disponibilidade de seu tempo para conversarmos sobre esses assuntos. Por tudo isso, meu muito obrigado!

Agradeço a Ariel Pheula do Couto e Silva, pela colaboração preciosa no estudo acústico das consoantes do Baníwa e de suas explicações sobre a fonética acústica. Agradeço a Edineia Aparecida Isidoro, por me ajudar na formatação dessa dissertação e a todos os colegas do LALLI pela amizade.

Por fim, à minha família, que teve a toda paciência para suportar as minhas ausências, as minhas indisponibilidades para atender às demandas momentâneas durante a elaboração do trabalho. Agradeço também pelo apoio e incentivo incansável que ela tem me dado durante esse período, assim como o apoio nas atividades de pesquisa, principalmente, as minhas filhas, que me ajudavam nas digitações e na transcrição das gravações. Por tudo que fez por mim, agradeço imensamente, principalmente, ao meu esposo Franklin, que, apesar das reclamações momentâneas, me apoiou para que eu pudesse cursar e desenvolver todas as atividades necessárias para obtenção de créditos. Aos meus filhos Frankito, Diego, Gilmar, Thaís, Nyrah e Maria. Muitíssimo obrigada!

RESUMO

Esta dissertação reúne os resultados de uma pesquisa sobre a fonética e a fonologia do Baniwa-Koripáko, a partir de dados coletados junto a dois falantes nativos de localidades, clãs, e gêneros distintos, visando descrever articulatoriamente e com ajuda de recursos acústicos os sons da língua. O estudo inclui uma descrição da fonologia segmental, contrastando os resultados com análises precedentes e discute, de forma breve, os fenômenos da metátese versus aspiração, nasalização espontânea e características acústicas de sons retroflexos. O estudo foi pensado como uma contribuição aos estudos linguísticos da língua, a ser compartilhado e discutido em oficinas com os próprios Baniwa professores e pesquisadores de sua língua nativa, alimentando a discussão sobre adequação da normatização da escrita e letramento nessa língua, considerando as variações de pronúncia e mesmo fonológicas encontradas nas falas dos membros das diferentes comunidades Baniwa, ao longo do rio Içana.

Palavras-Chave: Baniwa-Koripáko. Fonética. Fonologia. Retroflexo. Metátese. Nasalização Espontânea.

ABSTRACT

This dissertation gathers the results of a research on the phonetics and phonology of Baníwa-Koripáko, based on data collected from two native speakers from different localities, clans, and genders, aiming to describe articulatively and with the help of acoustic resources the sounds of the language. The study includes a description of segmental phonology, contrasting the results with previous analyzes and briefly discusses the phenomena of metathesis versus aspiration, spontaneous nasalization and acoustic characteristics of retroflex sounds. The study was thought of as a contribution to the linguistic studies of the language, to be shared and discussed in workshops with Baníwa teachers and researchers of their native language, feeding the discussion on the adequacy of the normatization of writing and literacy in that language, considering variations in pronunciation and in phonological entities found in the speeches of the members of the different Baníwa communities, along the Içana river.

Keywords: Baníwa-Koripáko. Phonetics. Phonology. Retroflex. Spontaneous Nasalization Metathesis

LISTA DE FIGURAS

IMAGEM 1 - ESPECTROGRAMA DA PALAVRA 'BARRACA', FALANTE FRANK	63
IMAGEM 2 – ESPECTROGRAMA DA PALAVRA 'BARRACA', FALANTE VALKÍRIA.....	63
IMAGEM 3 – ESPECTROGRAMA DA EXPRESSÃO 'ELE LEVANTA ~ SAI PARA (ALDEIA ~ ROÇA ~ CAMINHO)', FALANTE FRANK.....	64
IMAGEM 4 – ESPECTROGRAMA DA EXPRESSÃO 'ELE LEVANTA ~ SAI PARA (ALDEIA ~ ROÇA ~ CAMINHO)', FALANTE VALKIRIA.....	64
IMAGEM 5 – ESPECTROGRAMA DA PALAVRA 'ELE MEXE ~ PEGA', FALANTE FRANK.....	65
IMAGEM 6 – ESPECTROGRAMA DA PALAVRA 'ELE MEXE ~ PEGA', FALANTE VALKIRIA.....	66
IMAGEM 7 – ESPECTROGRAMA DA PALAVRA 'BICHO DE PÉ DELE', FALANTE FRANK.....	66
IMAGEM 8 – ESPECTROGRAMA DA PALAVRA 'BICHO DE PÉ DELE', FALANTE VALKIRIA.....	67
IMAGEM 9 – ESPECTROGRAMA DA PALAVRA 'COCAR', FALANTE FRANK .	68
IMAGEM 10 – ESPECTROGRAMA DA PALAVRA 'COCAR', FALANTE VALKIIRIA	68

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1– CONSOANTES DO BANÍWA, SEGUNDO TAYLOR (1991, P. 20).....	23
QUADRO 2 – VOGAIS BREVES E LONGAS, SEGUNDO TAYLOR (1991, P. 20)	23
QUADRO 3 – FONEMAS CONSONANTAIS, SEGUNDO RAMIREZ (2001)	26
QUADRO 4 – CONSOANTES DO BANÍWA, SEGUNDO SOUZA (2012).....	27
QUADRO 5 – VOGAIS DA LÍNGUA BANÍWA, SEGUNDO SOUZA (2012).....	27
QUADRO 6 – QUADRO FONÉTICO DAS CONSOANTES.....	28
QUADRO 7 – QUADRO FONÉTICO DAS VOGAIS	50
QUADRO 8 – INVENTÁRIO DOS FONEMAS CONSONANTAIS DO BANÍWA	57
QUADRO 9 – INVENTÁRIO DOS FONEMAS VOCÁLICOS DO BANÍWA	58

LISTA DE SIGLAS

CERIC	--	Cacique Escolar do Rio Içana e Cuiari
IFAM	--	Instituto Federal do Amazonas
LALLI	--	Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas do IL, UnB
PETI	--	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI)
PDDE	--	Programa Dinheiro Direta na Escola
PPP	--	Projeto Político Pedagógico
PROEJA		Educação Profissional Integrada à modalidade básica de Educação de Jovens e Adultos
UEA	--	Universidade do Estado do Amazonas
UEX	--	Unidade Executora
UnB	--	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 OBJETIVOS	19
1.1.1 <i>Objetivo Geral</i>	19
1.1.2 <i>Objetivos Específicos</i>	19
1.2 JUSTIFICATIVA	19
1.3 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS	20
2 - ESTUDOS SOBRE A FONOLOGIA DA LÍNGUA BANÍWA-KURIPÁKO	22
2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	22
2.2 CONTRIBUIÇÕES	22
2.2.1 <i>A fundamental contribuição de Taylor</i>	22
2.2.2 <i>Ramirez (2001)</i>	24
2.2.3 <i>O trabalho de Souza (2012)</i>	26
2.2.4 <i>Algumas considerações</i>	27
3 - ASPECTOS DA FONOLOGIA DO BANÍWA-KURIPÁKO	28
3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	28
3.2 Os FONES	28
3.2.1 <i>Descrição articulatória das consoantes</i>	29
3.2.1.1 <i>Oclusivas</i>	29
3.2.1.2 <i>Africadas</i>	34
3.2.1.3 <i>Fricativas</i>	35
3.2.1.4 <i>Nasais</i>	39
3.2.1.5 <i>Flepes</i>	42
3.2.1.6 <i>Aproximantes</i>	44
3.3 CONTRASTES ENTRE FONEMAS CONSONANTAIS	45
3.4 DESCRIÇÃO DAS REALIZAÇÕES FONÉTICAS DAS VOGAIS	49
3.4.1 <i>Vogais breves</i>	50
3.4.2 <i>Vogais assilábicas</i>	52
3.4.3 <i>Vogais longas</i>	53
3.4.4 <i>Vogais nasalizadas</i>	55
3.4.5 <i>Contrastes entre vogais</i>	56
3.5 FONEMAS E SEUS ALOFONES	57

3.6 NASALIZAÇÃO VOCÁLICA	58
3.7 NOTAS SOBRE A FONOTÁTICA BANÍWA.....	59
3.8 ACENTO	59
3.9 METÁTESE VERSUS CONSOANTES ASPIRADAS	60
3.10 SONS RETROFLEXOS.....	62
3.10.1 <i>Os flepes retroflexos</i>	62
3.10.2 <i>A fricativa retroflexa [ʒ]</i>	67
3.11 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	68
4. CONCLUSÃO.....	70
REFERÊNCIAS	71

1. INTRODUÇÃO

Quero iniciar este trabalho falando das minhas experiências profissional e acadêmica até ingressar no curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília. A ideia é mostrar, através dos meus relatos, os principais motivos que me levaram a continuar estudando e priorizar o estudo da língua do povo indígena a que pertencço, assim como a escolha do tema e os objetivos estabelecidos.

Sou indígena da etnia Baniwa, natural da comunidade de Tunuí Cachoeira, médio rio Içana, Município de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. Pertencço ao clã *Paraattana*, que é o clã tradicional da comunidade Tunuí Cachoeira, uma vez que na sua fundação *Paraattana* também foi protagonista. *Paraattana* é originário do alto rio Guainia na Colômbia e migrou para essa região do Içana há muitos séculos. Por isso, atualmente, está presente em várias aldeias do baixo e médio rio Içana. Os Baniwa do baixo e médio Içana se distribuem pelas seguintes localidades:

Tunui cachoeira

Castelose

Cuiarií

Quiari

Ayarí

Ukuki

Eu sou a primeira filha dos quatros filhos dos meus pais. O meu irmão nasceu quando eu ainda era muito pequena (segundo os meus pais e avós), situação que fez a minha mãe me entregar à sua mãe (minha avó materna), logo depois do nascimento dele. Sendo assim, eu fui criada pela minha avó (fora da minha família biológica). Por causa disso não aprendi a falar bem o dialeto Baniwa tradicional do meu clã *Paraattana*. Aprendi a falar o dialeto dos meus avós maternos, que também não era puramente língua Baniwa, pois, apesar de serem Baniwa, falavam mais a língua Geral (*Nheengatu*) do que a própria língua Baniwa.

Quando voltei para a minha família biológica já estava com treze anos de idade, falava a língua Baniwa no dialeto aprendido com meus avós. A minha família também já não falava o dialeto tradicional dos *Paraattana*, por causa de fortes influências de outros grupos clânicos

com os quais conviviam. Apenas um dos meus tios ainda falava e continua falando esse dialeto até hoje, mas a sua influência já é mínima para a minha aprendizagem.

A minha formação escolar foi um pouco tardia, comecei a frequentar a escola aos treze anos de idade, na comunidade de Tunuí Cachoeira, em 1985. Meu primeiro professor foi um falante de língua Baníwa, por isso a minha alfabetização se deu nessa língua. Mas, a partir da primeira série até a última série do ensino primário, estudei com professoras não-indígenas, missionárias evangélicas que trabalhavam nessa aldeia. Depois que terminei o ensino primário, em 1991, parei de estudar, pois nessa época na região do rio Içana não tinha escola de ensino fundamental completo, apenas na comunidade de Assunção do rio Içana e no centro urbano de São Gabriel da Cachoeira. Porém, a minha família não tinha condições financeiras para me manter na cidade e na comunidade de Assunção, e por questões religiosas, não permitiu que eu estudasse.

Fiquei sem estudar até a implantação do curso de magistério indígena na região do Içana, em 1998. Esse curso, inicialmente, foi pensado para a formação de apenas professores Baníwa, mas depois foi ampliado para todos os povos e etnias do município, pois na época havia poucos professores Baníwa. A maioria dos professores que lecionava nas escolas das comunidades do rio Içana vinha de outras regiões e aldeias de outras etnias indígenas. Essa situação motivava a alfabetização de crianças Baníwa em língua portuguesa, contrariando os desejos das associações e das comunidades que almejavam a alfabetização das crianças na língua materna. Sendo assim fui indicada para participar do curso, com o compromisso de voltar a trabalhar na aldeia.

A partir daí começou a rotina do curso de magistério indígena, que ocorria nos meses de janeiro, fevereiro e julho de cada ano até a etapa final (1998 – 2002). Esse curso foi muito interessante e importante, pois estudamos as legislações da educação escolar brasileira, legislações da educação escolar indígena, metodologia de ensino, planejamento escolar e muitos outros assuntos de suma importância, pois contribuíram para que argumentássemos com mais propriedade as nossas propostas educacionais e nos instruisse com respeito às nossas práticas pedagógicas. No meu caso, aprendi a dar aulas em escola indígena, que é diferente de escola convencional. O curso também me ajudou a refletir sobre a educação para as aldeias indígenas. Ainda assim não me senti completa, uma vez que as minhas dificuldades em língua portuguesa tanto na expressão oral quanto na escrita continuavam, mas com menos intensidade do que antes.

Por causa dessas dificuldades decidi continuar estudando e, em 2005, iniciei a graduação no Curso Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E de 2009 a 2010 fiz o curso de Kuripáko e especialização em Educação Profissional Integrada à modalidade básica de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), no Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Participei de várias oficinas e encontros pedagógicos realizados pelas secretarias municipais e estaduais de educação. Esses cursos me serviram de base teórica para minhas práticas pedagógicas. Ainda assim, continuo buscando informações e participando de cursos, oficinas, seminários e outros eventos relacionados à educação.

Nesse mesmo período, comecei a trabalhar como professora e a participar das discussões para ajudar na busca de melhoria da educação escolar da aldeia. Buscava informações e oportunidades que a escola poderia aproveitar para melhoria de qualidade em diversos aspectos do ensino escolar. Com essa perspectiva, criamos junto com a comunidade e demais professores, a Unidade Executora (UEX) para escola, visando à participação no Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) do Governo Federal, em 2002, que na época nós chamávamos de Cacique Escolar do Rio Içana e Cuiarí (CERIC). Os comunitários me elegeram duas vezes para presidir esta unidade executora de quatro anos de duração cada mandato (2002-2007), sendo que o último mandato não conclui por causa da mudança do local de trabalho para o centro urbano de São Gabriel da Cachoeira.

Durante os quatro mandatos, organizamos juntos com os demais professores e comunidades o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, reivindicamos e conseguimos a implantação do ensino fundamental de 6º ao 9º ano, implantamos, na escola, o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), legalizamos a unidade executora (CERIC) e a inscrevemos no Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). Também reivindicamos e conseguimos a implantação de ensino médio, em 2006, em sala anexa à Escola Estadual Nossa Senhora de Assunção do Içana. São as conquistas mais importantes que conseguimos através desta organização escolar durante o período que a presidi.

Essas experiências foram muito importantes para mim, pois nunca tinha trabalhado antes numa sociedade jurídica como esta, embora sempre tenha acompanhado e apoiado a minha comunidade a discutir determinados assuntos em todos os aspectos sociais. Por isso, quando assumi a presidência dessa associação escolar, procurei sempre lutar pelo que é almejado pela comunidade. Aprendi muitas coisas, entre elas como a comunidade se mobiliza para realização de eventos como assembleias, reuniões, eventos esportivos, culturais e outros. Permitiu-me entender as diferenças e diversidades que as comunidades e a escola apresentavam.

A experiência mais longa que tenho é a da carreira profissional em educação, trabalhando como professora de ensino fundamental. Enquanto estava cursando o Magistério Indígena, em 2000, por causa da carência de profissionais de educação na região, entrei para atuar na sala de aula. Comecei a trabalhar na escola da minha própria comunidade, a escola municipal Tunuí, hoje chamada de Maadzero. Trabalhei nessa escola e em várias outras escolas do interior até 2007. A partir de 2008 passei a trabalhar nas escolas da cidade até 2018, quando sai para cursar o mestrado em linguística na Universidade de Brasília (UnB).

Quanto à área de produção dos conhecimentos, em 2000, eu fiz uma pesquisa sobre as nomenclaturas antigas de objetos, matérias, plantas e peixes em língua Baniwa. O objetivo era resgatar nomes originais em Baniwa. O resultado desta pesquisa fez parte do livro “Terra das Línguas”, elaborado coletivamente pelos professores indígenas da primeira turma do curso de magistério indígena. O segundo trabalho de pesquisa foi na conclusão do curso de graduação sobre “A práxis da interdisciplinaridade na escola municipal Tunuí”. Foi um trabalho voltado para a análise da prática pedagógica dos professores. O terceiro trabalho foi o desdobramento da monografia de conclusão do curso de graduação, desenvolvido como parte do trabalho de conclusão da especialização. Esta pesquisa teve como objetivo de identificar principais desafios e dificuldades de ensino das línguas na escola municipal Tunuí.

A partir destas experiências acadêmicas e profissionais foi que escolhi o tema “Fonética e Fonologia”. O objetivo era aprofundar estudos e conhecimentos sobre a língua Baniwa, visando cooperar com o processo de construção e consolidação de melhoria de qualidade de ensino escolar nas aldeias do rio Içana, assim como contribuir para a preservação da língua Baniwa. Para definir esse tema levei em consideração as dificuldades enfrentadas quando trabalhava nas escolas da aldeia de Tunuí Cacheira, pois, nessa época não tínhamos nem materiais de ensino escritos na língua Baniwa e nem grafia da língua definida. Isso dificultava as atividades de ensino nas escolas. Quanto à dificuldade na grafia, mais recentemente foi superada, em parte, com a unificação das grafias, mas vários problemas residuais permaneceram. Dentre esses problemas, se destacam as diferenças fonológicas dialetais que dificultam a um sistema de escrita que contemple 100% a forma fonológica das palavras nos diferentes dialetos. Outro problema era a carência de materiais escritos na língua para o ensino nas escolas Baniwa.

Outra dificuldade com que eu e demais professores lidamos é a mudança acelerada da língua por causa de intensa introdução de língua portuguesa e de outras línguas indígenas na região. Essa intensificação resulta em substituição de palavras em Baniwa, principalmente nos

termos de parentesco. Note-se que os empréstimos de outras línguas não cobrem as distinções culturais que nós Baniwa fazemos em nosso sistema de parentesco. Essa substituição, em minha opinião, causa sérias perdas culturais.

Há, portanto, necessidade de aprofundar os estudos para conhecer melhor a língua Baniwa: suas estruturas gramaticais, as distinções de gênero – animacidade, classificadores, biológico –, e outros aspectos da gramática, assim como seu léxico e fonologia. Sentia essa necessidade, pois, apesar de ser falante nativa, não tinha conhecimento linguístico da língua.

Sendo assim, a primeira coisa que fiz ao chegar para cursar o mestrado em linguística na Universidade de Brasília (UnB), foi procurar cursar disciplinas que pudessem contribuir com a compreensão da diversidade linguística, diversidade dialetal, fonológica e lexical. Mas no início senti dificuldades, pois nunca tinha estudado a linguística. O que havia estudado no magistério, graduação e especialização foram noções gramaticais da língua portuguesa, o que é diferente de estudar uma língua em uma perspectiva linguística.

No decorrer do curso fui entendendo e compreendendo os conceitos linguísticos e suas aplicações ao estudo das línguas. Foi assim que entendi que a língua Baniwa é repleta de variedades dialetais (Ver TAYLOR, 1991; RAMIREZ, 2001; GONÇALVES, 2018), que tem influências de outras línguas e que cada variedade da língua possui sua história, localização, status hierárquico e outras características (ver GONÇALVES, 2018).

Ao estudar fonologia, passei a apreciar a riqueza dos sons do Baniwa, a complexidade do seu ritmo e as relações entre fonologia e morfologia. Passei a entender como funciona a gramática da língua Baniwa e como ela reflete o modo de ver o mundo dos seus falantes. Escolhi ~como tema para abordar na minha dissertação as variações fonéticas e fonológicas entre falantes de origens geográficas e clânicas distintas e suas implicações para a normatização da escrita da língua. Trata-se de tema de grande importância para nós professores de língua Baniwa, que lidamos com crianças de diferentes origens clânicas e geográficas, sobretudo nas escolas de Tunui e de São Gabriel da Cachoeira. A consciência linguística dos problemas gerados pela mistura dialetal ou convivência de pessoas de dialetos distintos ajuda enormemente os professores de línguas Baniwa. O conhecimento linguístico da gramática da língua é também fundamental para que, através do ensino, a língua Baniwa seja fortalecida.

Definido o tema que seriam abordado na dissertação, tracei os objetivos do meu estudo.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Realizar um estudo da fonologia segmental da língua Baníwa, considerando dados de dois falantes de dialetos distintos, visando explorar características acústicas de sons retroflexos, como contribuição aos estudos dialetológicos do Baníwa-Koripáko.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar a natureza de variações sonoras na fala de dois falantes Baníwa de localidades distintas;
- demonstrar as características articulatórias dos sons do Baníwa na fala de dois falantes nativos originários de localidades distintas;
- demonstrar, por meio de espectrogramas, a existência de dois flepes retroflexos, sendo um deles fricativo, assim como a existência de uma fricativa retroflexa, todos com função distintiva na língua.

1.2 JUSTIFICATIVA

O uso e ensino da língua indígena Baníwa nas escolas das comunidades Baníwa do Rio Içana é um desafio diário para os professores em todas as etapas de ensino escolar. Primeiro porque as línguas indígenas no sistema da educação escolar indígena, nos últimos tempos, se confundem com outros interesses sociais e políticas indígenas, de forma que as comunidades se dividem quanto à política de ensino e uso das línguas nas escolas. Essas divergências confundem e dificultam os trabalhos dos professores, já prejudicado pela carência de estudos linguísticos das línguas indígenas pelos próprios professores indígenas. A baixa qualidade de ensino escolar é decorrente, assim, em grande parte, da qualidade do ensino da língua Baníwa nas escolas, muitas vezes substituído pela língua portuguesa, já na alfabetização das crianças. Este é um problema antigo, mas que até hoje em dia, muitos professores insistem em alfabetizar em língua portuguesa ao invés de alfabetizar em língua Baníwa.

Nas escolas Baníwa, os alunos que aprendem a ler e escrever em língua materna têm mais habilidades na leitura e na escrita do que os alfabetizados em língua portuguesa. Eu poderia enumerar diversos exemplos que demonstrariam esta realidade, mas aqui vou me restringir a apenas um exemplo. Certa vez, quando fiz a pesquisa em uma dada escola, havia um aluno com dez anos de idade, que estava no 5º ano do ensino fundamental. Os seus escritos

e leituras correspondiam ao de um aluno do segundo ano do ensino fundamental. Ele conseguia escrever palavras, mas não conseguia produzir uma só frase. Tinha bastante dificuldade na leitura e escrita. A maioria dos alunos de sua turma estava em situação semelhante. Essa realidade me deixou curiosa, quis saber porque estavam com aquelas dificuldades. Comecei a conversar com o menino de 12 anos e com seus pais, professores, colegas e analisei o seu histórico escolar e um pouco da história de sua vida. Nas conversas com os professores, fui entendendo que a maioria deles dizia alfabetizar na língua Baníwa, mas na realidade usavam a língua portuguesa para explicar os conteúdos das suas aulas e, quando faziam exercícios com os alunos, pediam para que escrevessem em língua Baníwa. Embora a questão aqui discutida diga respeito ao Baníwa, se assemelha ao que Camacho (2008) descreve como “[...] uma tradição pedagógica que prioriza o ensino da norma padrão sendo imposta e exclusiva nas escolas, ignorando assim a variação que o aluno já domina.”.

Diante de desafios e problemas como este, decidi aprofundar meu estudo e conhecimento linguístico de minha língua, de forma a poder contribuir com a formação de professores de língua Baníwa no Município de São Gabriel da Cachoeira. No meu caso, dois anos de estudo no mestrado não me permitiram aprofundar como desejava o estudo linguístico de minha língua, porque fui levada a mudar de orientadora, depois de um ano perdido, e por minha pesquisa no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas iniciou-se apenas em 2019. Foi quando tentei focalizar na fonologia da minha língua Baníwa, objetivando desenvolver um estudo que me permitisse discutir com os professores de língua Baníwa sobre variações fonéticas e fonológicas entre os falantes de diferentes origens geográficas e clônicas, assim como a importância de considerá-las no processo de normatização da escrita e de seu ensino nas escolas Baníwa. Por dispor de tempo exíguo para concluir meu mestrado, o estudo dos classificadores¹ e das variações no seu uso foi postergado para aprofundamento em futuros projetos de pesquisa.

1.3 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Uma parte dos dados que fundamentam a presente dissertação foi coleta junto a um Baníwa residente temporariamente em Brasília, Franklin Silva. A outra parte dos dados são meus próprios dados, gravados por minha orientadora e por meu colega Ariel Pheula do Couto e Silva. Ambas as gravações foram feitas no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas do

¹ A ideia era ampliar o estudo de Melgueiro (2009).

Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Usamos a lista lexical do Projeto de Documentação das Línguas Indígenas da América do Sul de autoria de Berlin, Kaufman, Carson e Rodrigues (1986), assim como a lista de 200 palavras do Projeto ASLIB. O gravador usado foi um Zoom H4N PRO, com microfone externo. A escolha dos dados levou em consideração a presença de diferenças de pronúncia que eu havia previamente identificado comparando a fala de Franklin Baniwa com a minha, ao longo de nossa convivência de mais de 20 anos. Já havia também observado que a pronúncia de determinados sons na fala de Franklin combinava com a fala dos habitantes de sua aldeia, enquanto a minha pronúncia combinava com a pronúncia dos meus parentes. Certamente tratava-se de diferenças dialetais que precisavam ser estudadas.

Primeiramente foi feita uma descrição dos sons identificados nos dados. Em seguida, selecionamos os pares suspeitos de serem realizações fonéticas dos mesmos fonemas e, após esse processo, procuramos estabelecer pares mínimos e/ou análogos que comprovassem o valor distintivos dos sons que distinguem significados na língua. Na sequência, com a ajuda de Ariel Pheula do Couto e Silva, fizemos os espectrogramas dos sons focos do presente estudo e procedemos, então, à análise dos espectrogramas que confirmaram a nossa análise fonética articulatória e nossa análise fonológica. A análise segmental adotou os procedimentos metodológicos contidos em Pike (1943, 1947) e considerou os estudos anteriores sobre a fonologia do Baniwa (SCHEIBE, 1957; TAYLOR, 1991; VALADARES, 1993; FRANÇA, 1993; RAMIREZ, 2001; SOUZA, 2012) França (1993); assim como a fonologia da língua Manxineru proposta por Couto (2016).

2 - ESTUDOS SOBRE A FONOLOGIA DA LÍNGUA BANÍWA-KURIPÁKO

2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo traremos as contribuições dos principais estudiosos de fonologia Baníwa-Koripáko. Focalizamos desses estudos os pontos de interesse para a presente dissertação: consoantes surdas e aspiradas e as características articulatórias e acústicas das consoantes retroflexas.

2.2 CONTRIBUIÇÕES

2.2.1 A fundamental contribuição de Taylor

A contribuição pioneira foi a de Taylor (1991), linguista que fez a primeira inovadora análise linguística do Baníwa do baixo e médio Içana. Taylor (1991) prestou uma grande contribuição ao conhecimento de aspectos da fonologia e morfossintaxe da língua, assim como da existência de variantes dialetais, mesmo tendo vivido pouco tempo em suas pesquisas de campo dessa língua. Esteve entre os Baníwa durante três semanas em 1984, durante um mês (julho) em 1988, dezembro de 1989 e janeiro de 1990. Em seu estudo de 1991, resultado de sua pesquisa, além da análise linguística que oferece, traz referências às menções feitas aos Baníwa na literatura desde o século XXIII e menciona os indígenas que foram seus colaboradores nas gravações e análise da língua:

Baseia-se na análise fonológica do material gravado em 1984 por Viriato e Humbelino Plácido e por Domingos de Souza Paiva, ampliada e corregida em 1988 graças à ajuda de Regina Cordeiro Paiva e Humbelino Plácido (TAYLOR, 1991, p. 9).

Taylor postula a existência de 25 fonemas consonantais, quatro vogais breves e quatro vogais longas para o Baníwa.

Quadro 1– Consoantes do Baniwa, segundo Taylor (1991, p. 20)

p	ph	t	th	tt		k kh	
h		d					
m	hm	n	hn			ñ hñ	
		ts					h
		dz					
		r	hr			rr hrr	
w	hw					(y)	

Em princípio, o Baniwa distingue vogais breves

Quadro 2 – Vogais breves e longas, segundo Taylor (1991, p. 20)

i			u [u / o]
	e		
		a	

E as correspondentes longas

i:			u: [u: / o:]
	e:		
		a:	

Taylor reconheceu a importante distinção entre vogais longas e breves, assim como a distinção entre a oclusiva dental surda e a oclusiva alveolar surda. Identificou também a existência de consoantes aspiradas. Uma das importantes observações que faz é a de que as soantes aspiradas hm, hn, hñ, hr, hrr e hw se ensurdecem. Analisou o flepe como vibrante alveolar lateral, observando que falantes do português ouvem um som entre r e l, e considerou que rr é uma soante vibrante palatal oral, com uma variante fricativa que se aproxima ao som transcrito pelo "j" português. Esta é observação é importante para um dos traços da fonologia Baniwa, tema da presente dissertação.

Taylor também observou que a aspiração de consoantes em certos contextos é resultado de uma metátese de h em início de tema, com a vogal do prefixo, “h, em início de morfema interno, assimila-se à última consoante do morfema precedente...”

Exemplos dados por Taylor são:

ph pi-**hita* > phita "você tira" •

th ridzekata-**heni* > ridzekatheeni "ele fez"

" dzaatte-**heni* > dzaatheni "filhote de tucano"

kh ka-**hidzaaku* > khedzaaku (variante de kedzaku) "forte"

hm dzama-**hiku* > dzahmeku "dois (+ classificador)"

hn nu-**hita* > hnuta "tiro"

hõ iõai-hiipa-ni > ihõáipani «Cachoeira do diabo»

hr ri-**hita* > brita "ele tira"

hrr rru-hita > hrruta "ela tira"

hw wa-**hita* > hweta "tíramos" (TAYLOR, 1991, p. 28)

Finalmente, Taylor observou que a aspiração associa-se também à nasalização, sobretudo nos dêiticos: aõaha [an^hahã] 'aqui', átaha [át.ahã], etc. e na fórmula de assentimento: uhu ['ũhũ] ou [õhõ] "sim". O exortativo wahrra' [wa^hrrã '] sempre leva uma terminação nasal (TAYLOR, 1991, p. 27).

Nessa obra, Taylor apresenta análises interlineares de textos em Baniwa, e dois suplementos: um sobre raízes verbais e outro contendo classificadores. Taylor realizou uma importante contribuição ao conhecimento linguístico da língua Baniwa, assim como contribuiu com material didático para a alfabetização da língua nas escolas da Aldeia. Suas principais contribuições para a presente dissertação foi a de propor uma análise que trata consoantes plenas e aspiradas como fonemas distintos e por ter percebido que aspiração no Baniwa se associa à nasalização. É com a análise de Taylor que o nosso estudo mais se afina e contribui para um olhar diferenciado da fonologia do Baniwa.

2.2.2 Ramirez (2001)

Ramirez (2001), em seu estudo "Uma gramática do Baniwa do Içana", realizado ao longo de três anos (1997-2000), apresenta uma análise fonológica do Baniwa, que se diferencia em alguns aspectos da proposta de Taylor (1991), embora tenha se beneficiado enormemente desse estudo pioneiro. Ressalto que tanto eu como meu esposo, Franklin Silva, fizemos parte do grupo de informantes usados por Ramirez para o seu estudo, embora nossos nomes não sejam mencionados na obra, apenas nomes de dois Baniwa, a quem o autor agradece

principalmente a Carlinhos e Irineu Rodrigues. Na realidade, além de Irineu e Carlinhos, participaram:

Raul Feliciano

Afonso Fontes

Ilda da Silva

Madalena Paiva

Trinho Trujillo

Daniel Banjamim

Daniel Figueiredo

Felix Figueiredo

Genésio Trindade

Nazária

Valkiria Apolinário

Frank Silva

Albino Fontes

Marcelino Fontes

Participaram também das oficinas, três Tariano e três Kuripáko.

A gramática que Ramirez escreveu do Baniwa deve muito a todos nós que servimos de informantes, assim como deve enormemente aos trabalhos linguísticos precedentes (SCHEIBE, 1957; BOLEY & BOLEY, 1979; TAYLOR, 1991; FRANÇA, 1993; VALADARES, 1993; SANTOS, 1996; e BEZERRA, 1997).

Como o nosso estudo diz respeito a aspectos da fonologia do Baniwa, nos atemos aqui apenas à descrição da fonologia Baniwa proposta por Ramirez (2001).

Ramirez propõe a existência de 16 fonemas consonantais, quatro fonemas vocálicos e uma vogal *Í*. Não fica claro se Ramirez considera ou não a existência de vogais longas fonológicas na língua.

Quadro 3 – Fonemas consonantais, segundo Ramirez (2001)

	ocl lusiva	d ental	al veolar	a lveo- palatal	p alatal	v elar	g lotal
ocl iva surda	p	t	t			k	
Sono ra	b		d				
Cons tritiva							h
afric ada surda			ts				
Sono ra			dz				
nasal	m		n	ɲ			
flepe lateral		ɭ		ɮ			
apro ximante	w				j		

As vogais propostas são i, e, a e o e \acute{V} :

A análise de Ramirez difere da análise de Taylor nos seguintes pontos:

- Taylor considera a existência de consoante aspiradas fonológicas
- Ramirez não considera a existência de consoante aspiradas fonológicas, mas a combinação de C e uma fricativa glotal surda, ou seja, grupos de fonemas distintos, generalizando a proposta de Taylor que diz respeito a metátese de /h/ em fronteira de morfema.
- Taylor considera a existência de uma vibrante fricativa álveo-palatal
- Ramirez considera ser esse som uma aproximante retroflexa
- Taylor postula um contraste entre vogais longas e vogais breves
- Ramirez não deixa claro que concorda com a existência de contraste entre vogais longas e breves. n

As diferenças maiores entre as duas análises são de natureza fonética.

Finalmente, Ramirez contribui com mais dados para os estudos da fonologia e variedades dialetais do Baníwa.

2.2.3 O trabalho de Souza (2012)

Souza postula a existência de 24 fonemas para o Baníwa, 16 consoantes e quatro vogais. A análise de Souza se diferencia da análise de Ramirez e de Taylor por postular a existência de

uma fricativa retroflexa sonora $z_ɻ$ ao invés de uma vibrante álveo-palatal sonora, como propõe Taylor, ou de uma aproximante retroflexa sonora, como propõe Ramirez. Distingue-se da análise de Taylor por não considerar a existência de fonemas aspirados, mas, como fez Ramirez, usa a hipótese de Taylor da metátese de h em fronteira de morfema. Finalmente, Souza postula a existência das contrapartes fonológicas longas das vogais i, e, a, o.

Quadro 4 – Consoantes do Baniwa, segundo Souza (2012)

		Bilabial	Dental ⁷	Alveolar	Retro-flexo	Palatal	Velar	Glotal
Plosivas	Desv.	p	t̪	t				
	Voz.	b		d				
Africadas	Desv.			ts				
	Voz.			dz				
Fricativas	Desv.							h
	Voz.				$z_ɻ$			
Nasais		m		n		ɲ		
Flepe				ɭ				
Aproximantes		w				j		

Quadro 5 – Vogais da língua Baniwa, segundo Souza (2012).

	Anteriores	Central	Posteriores
Alta	i i:		u u:
Média	e e:		
Baixa		a a:	
	Não-arredondadas		Arredondadas

2.2.4 Algumas considerações

Apresentamos neste capítulo, de forma breve, alguns aspectos importantes da fonologia do Baniwa-Koripáko descritos em estudos anteriores. A principal contribuição foi a de Taylor (1991), por destacar características fonéticas (h como fonte de nasalidade, como observado em Manxineru (Couto, 2012, 2016), fonológicas (contraste entre consoantes plenas e aspiradas, contraste de acento e contraste de vogais longas e breves) e morfofonológicas (metátese) de alta importância para o conhecimento da língua Baniwa e que a torna, juntamente com o Manxineru

(Couto, 2012, 2016), únicas na família Aruák. Note-se que todos esses traços elencados acima são encontrados nas línguas da família Aruák, mas não juntos como no Baníwa. Ramirez, por exemplo ao não considerar contraste entre consoantes plenas e aspiradas., Souza contribui principalmente por identificar uma fricativa retroflexa. Os estudos mostram também que ainda há muito a ser estudado sobre a fonologia da língua.

3 - ASPECTOS DA FONOLOGIA DO BANÍWA-KURIPÁKO

3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo, apresentamos a nossa análise de aspectos da fonologia do Baníwa-Koripáko, por meio de dados coletados junto a dois falantes nativos originários de localidades distintas. Descrevemos os sons, demonstramos quais deles são distintivos, abordamos brevemente aspectos fonotáticos, o fenômeno da nasalização motivada pela fricativa glotal /h/, para o quê consideramos a análise de Taylor (1991) sobre a existência de metátese, análise adotada também por Ramirez (2001) e por Souza (2012)

3.2 OS FONES

Dos dados gravados junto a Franklin Silva e Valkiria Apolinário, que serviram de base para este estudo, foram identificados 30 fones consonantais: nove consoantes oclusivas – cinco oclusivas surdas e três aspiradas, mas apenas duas sonoras (b e d), sendo que /b/ é encontrado em poucas palavras, a maioria adotadas do português, mas algumas do próprio Baníwa, mas encontradas em palavras afetivas (termos de parentesco) ou natureza ideofônica. Das cinco fricativas, três são sonoras e duas são surdas, das quatro africadas, duas são surdas e duas sonoras, e das quatro nasais, duas são sonoras e duas são surdas. Finalmente, foram identificados três flepes, um pré-aspirado, um pré e pós aspirado e um sonoro, e cinco aproximantes, duas surdas e três sonoras.

Quadro 6 – Quadro Fonético Das Consoantes

Ponto de Art.	Sonor.	Bilab.	Dental	Alveo	Retrofl.	Alv.pala.	Vel.	Glott.
Modo de Art. ↓								
Oclu.	<u>Su</u>	p	t ṭ					
	<u>Su.asp</u>	p^h	t^h				k^h	
	<u>So</u>	b						

Afric.	<u>Su</u>			ts		tʃ		
	<u>So</u>			dz		dʒ		
Fric.	<u>Su</u>					f		h
	<u>So</u>		β			z		
Nas.	<u>Su</u>		m̩					
	<u>So</u>		m					
Flepe	<u>Su/asp.</u>					tʰtʰ		
	<u>So</u>					t		
	<u>Su</u>			w̩			ɥʰ	
Aprox.	<u>So</u>			w			y ɥ	

Descrevemos, em seguida, os fones consonantais, segundo suas características articulatórias, identificados na fala dos dois Baniwa. Os dados à esquerda são da fala de Valkiria Apolinário (Tunui Cachoeira) e os da direita de Franklin Silva. Registramos a pronúncia de Valkiria e de Frank para todos os dados, mas só apresentamos na dissertação os dados dos dois – de Valkiria de Frank – quando há diferenças de pronúncia ou quando há divergência de pronúncia ou se as palavras enunciadas por eles são distintas. Nesses casos, o dado da esquerda é de Valkiria, os da direita são de Frank.

3.2.1 Descrição articulatória das consoantes

3.2.1.1 Oclusivas

[p] oclusiva bilabial surda

[ˈpã̃n.dza] ‘agora’

[ˈpã̃n.t̩i] / [ˈpã̃n.t̩e] ‘casa’

[ˈdzã:ma] ‘bodó’

[t̩i:ˈnã̃i] ‘com ele’

[ʰt̩iˈnã:na:] / [ʰt̩iˈnã:na:] ‘marca/sinal dele’

[ˈɲamaˈmi] ~ [ˈɲemãˈmi] / [ˈɲemãˈmi] ‘barulho deles’

[i:ˈɥã̃i] ‘catinga (de axila, por exemplo)’

[iˈɥaimi] ~ [iˈɥã̃imi] / [iˈaimi] ‘diabo’

[kʰe:ˈnã̃] ‘coitado, pobre’

[ˈdza:ma] / [ˈdzã:ma] ‘bodó’

[t̩iˈma:] / [t̩iˈmã:] ‘ele dorme’

[aˈyã:hã̃] / [aˈya:hã̃] ‘aqui’

[a:ta'ha] / [a:ta'hã] 'ali'
 ['a:nã'hã] / [a:nahã] 'bem ali'
 [tsi'ãɾi] / [a:'tsia] 'homem'
 ['pe:koã] 'rosto'
 [paʒa'to] 'prato'
 [ˌpaʒama'ɾi:ta] 'cocar'
 [ˌpama'kaɾi] 'barraca'
 [pa'modzo'a] / [pa'mudzo'a] 'meio, metade'

[p^h] oclusiva bilabial surda aspirada

['p^ha:doa] 'mãe'
 ['p^ha:'zo] 'micuim ou mucuim'
 ['p^ha:] '(a) gente'
 ['p^he:koa] / ['p^he:koa] 'correr'
 ['p^he:pa] 'eu acredito'
 [pana'p^he]] 'folha'
 ['zo^ho'a] 'ela pisa'
 [ɾi'p^hia] 'ele sopra'
 [ɾi'p^he] 'folha'

[t] oclusiva alveolar surda

['ta:za] / 'duro'
 ['ta:ɾi] / 'aracu'
 ['taime]] 'firme'
 ['tewa] 'certa piaba'
 [tedo'azo] 'prima cruzada'
 ['tetemi] 'irmão mais velho'
 [ti'ki] 'pouco'
 ['ɲa:ta'hã] 'aqueles/aqueles'

[ᵛa'ta] ~ [ᵛe'ta] / [ᵛe'ta] 'tiram, sacam'
 [naĩ'tsaɾe'ta] 'eles pescam'
 [naĩ'tsaɾe'taka] 'estão pescando'
 ['naka'xa:taka] 'eles mentem, estão mentindo'
 [mata'mata] 'matamata (tipo de quelônio)'
 [hɾi'ta] / [hɾhi'ta] 'ele tirou'
 [hɾi:ta] / [hɾhi:ta] 'bicho de pé dele'
 ['ɾi:pi'tana] ~ ['ɾi:pi'tãna] / ['ɾi:pi'tãna] 'nome dele, seu nome'

[tʰ] oclusiva alveolar surda aspirada

['tʰa:za] 'mariposa'
 [ha'tʰame] 'sacado'
 ['tʰe:wena] 'amanhã'
 ['tʰe:waka] 'fundo'
 ['tʰe:wadzo, hɾe] 'no dia seguinte'
 [ᵛẽ:ma'tʰa] 'gritam'
 ['naɰa'tʰaka] 'eles pedem'
 ['na:ɾe'tʰe] 'beiju deles'

[t̪] oclusiva dental surda

[i:'t̪a] fumaça'
 [o:'t̪epa] 'certo peixe'
 [i:'t̪a'daɾi] / [i:'t̪a] 'preto/a'
 [i'enipe't̪i] 'criança'
 ['e:t̪ipa] 'certa planta (iúira)'
 ['e:mi'daɾi't̪oa]] 'criança ainda'
 ['a:t̪i] 'pimenta'
 [zɔ:pi't̪a] 'sujeira dela'
 ['naɰa'tʰaka] 'eles pedem'

['ma:pi 't̥ a] 'limpo'

['h̥ime 't̥a] 'sovino dele'

[dza: 't̥e] 'tucano'

[k] oclusiva velar surda

[ka: 'mõ̃i] 'sol'

['kako'a da] 'caro'

[kama 'z̥ai] 'luz'

['ke:zi] 'lua'

['kepi 'z̥ẽ:ni] / ['kepe 'z̥e:ni] 'passarinho'

[ka 'waɾe] 'vento'

['koit̥i] / ['kõit̥e] 'mutum'

['kapi 't̥i:zi] 'flechas'

[ka:pi 'ta] 'sujo'

['maka 'da:ɾi] / ['maka 'da:ɾi] 'grande, pessoa gorda'

['ma:ka 'datsa] / ['ma:ka 'datsa] 'atoa'

['de:kai] 'cerâmica'

[k^h] oclusiva velar surda aspirada

[k^ha: 't̥ime] 'atrito'

[k^ha:ɾi 'me] 'triturado'

[pa 'k^ha:] 'outro caminho, linha'

[k^he: 'na] ~ [k^he: 'nã] / [k^he: 'nã] 'coitado, pobre'

[k^he 'dza:ko] / [k^he 'dza:ko], [k^he 'dza:ku] 'forte'

[b] oclusiva bilabial sonora

['bã:ku] ~ [bã:ko] / ['ba:ku], [ba:ko] 'banco'

['ba:bami] 'tio', 'titio'

['ba:ɾame] 'rachar'

[ba'ʒame] 'rachar', 'quebrar em partes'

[d] oclusiva lâmino-dental sonora

[dawa'kaʒi] 'escondido'

['da:pa] 'paca'

[dawa'ki] 'jandiá'

[da'kaʒa] 'poraquê'

[ada'pi] 'cipó'

['de:pia'ʒoã] 'de manhã'

['di:ʒo] ~ ['di:ʒu] / ['di:ʒo] ~ ['di:ʒu] 'gafanhoto'

['de:pi]] 'a noite'

['de:pina] 'a tardinha'

['do:maʒi] ~ ['dõ:maʒi] / ['dõ:maʒe] 'fruta de omari'

[dõ:'paʒi] 'araripirá'

['dõ:wiz̃i] / ['dõ:wiz̃e] 'espinho'

[dõ:'ki] ~ [dõ:'ki] / [dõ:'ki] 'a cobra bandeira'

['dõ:põ] ~ ['dõ:po] / ['dõ:po] 'calango'

['dõ:me] ~ [dõ:'me] / [dõ:'me] 'aracu pintado'

['nokan'taka] / ['nokan'taka] 'eu canto, estou cantando'

[na'ʒãĩ'toka] / [na'yai'toka] 'eles estão roubando'

[aka'yo] / [aka'yo] 'kaju'

[ʒu'ya] / [ʒo'ya] 'coro dela'

['p^he:kõa] / ['p^he:kõa] 'você corre'

['dõ:me] ~ [dõ:'me] / [dõ:'me] 'aracu pintado'

['dõ:wiz̃i] ['dõ:wiz̃e] / ['dõ:wiz̃e] 'espinho'

[dõ:pi'ti] ~ [du:pi'tʃi] / [du:pi'tʃi] 'peneira'

['da:dami] ~ ['da:dãmi]] / ['da:dami] 'vovô'

['a:ʒi'daʒi] 'tatu'

['ɲawi'da] 'cabeças deles'

[^hʧiwi'da] 'cabeça'
 ['hi:pa'da] 'pedra'
 ['a:da'zɔ] / ['a:dazo] 'arara'
 [ma'daʧi'da] / [mã'daʧi'da] 'três'
 ['maka'daʧi] 'grande, pessoa gorda'
 ['ma:ka'datsa] 'atoa'

3.2.1.2 Africadas

[ts] africada alveolar surda

[tʃa:'kaʒa] 'gafanhoto'
 ['tʃa:me] 'cerrado, fechado'
 ['tʃo:tʃa] 'pouco'
 ['tʃoi'te] 'pequeno'
 ['tʃo:tʃobo] 'pombo'
 [tʃo:'yaʧi] 'canoa, couro, casca pequena'

[ts^h] africada alveolar surda aspirada

[^htʃoiwi] 'vara fino'
 [^htʃe:to] 'atura'
 [^htʃaia] 'saia'
 [^htʃa:ko] 'saco'
 [^htʃi:me] 'quando alguém pega alguma coisa quente'
 [tʃa:'zɔta] 'terçado'
 [^htʃa:pa'to] 'sapato'
 [tʃa:'zɔta] 'terçado'
 [tʃo'zɔta] 'soldado'
 [^htʃo:meka'ni] 'barulho da cachoeira'
 [tʃi:'ʧiʧi'me] 'borbulha comida'
 [^htʃio'me] 'rasgou'
 [^htʃi:me] / [tʃi:me] 'quando alguém pega alguma coisa quente'

['naʒa't^haka] 'eles pedem'
 [nai'tsaʒe'ta] 'eles pescam'
 [nai'tsaʒe'taka] 'estão pescando'
 [ma'ts^hiʒi] ~ [ma'tʃiʒi] / [ma'ts^hiʒi] 'deficiente, sem vergonha'
 ['ts^he:ʒe] 'mancha na pele'
 [koan'ts^he:ka] 'como foi'
 [koame'ts^ha] 'como assim'

[dz] africada alveolar sonora

['dza:pa] 'tucunaré'
 ['dza:wi] / ['dza:we] 'onça'
 ['dza:ma] / ['dzã:ma] 'bodó'
 ['dze:ka] 'seringa, borracha'
 ['dze:noni] 'alto'
 ['dza:ʒi] 'caba-tatu'
 [dza:wa'to] 'tipo de acara'
 ['dzo:ka] 'machado'
 [dza:ʒe] 'tucano'
 ['dze:ma] 'tabaco'
 ['dza:ma] 'bodó'
 ['tsa:me] 'cerrado, fechado'
 ['dzo:ka] 'machado'
 ['tso:tʃa] 'pouco'
 ['tsoi'te] 'pequeno'

3.2.1.3 Fricativas

[β] fricativa bilabial sonora

[a: 'βi] / ['a:wi] 'agulha'
 ['ʒi:βi] / ['ʒi:wi] 'flor dele, ferra, espinha dele (planta)'
 ['ʒi:βi] / ['ʒi:wi] 'flor, espinha'

[z] fricativa alveolar sonora. Aparece nas palavras abaixo em variação com [ʒ], seja na fala de Valkiria, seja na fala de Frank.

[ˈa:ko: zo] / [ˈa:ko:ʒo] ‘lagarta’

[ˈa:dazo] / ‘arara’

[aˈzawe] / [ɲaˈza:] ‘puxam, eles puxam’

[mõ:ʒoˈto] / [mo:zoˈto] ‘sarapó do igarapé de rabo pintado’

[ˈʁi:zi] ‘raiz dele (mandioca, batata)’

[ʁiˈzi] ‘filho dele’

[ʃ] fricativa alveopalatal surda

[ˈa:ʃi] ‘cará’

[ˈɲa:ʃi] ‘joelhos de deles’

[ˈhiwiˈʃi] / [ˈhiwiˈʃi] ~ [ˈhiwiˈsi] ‘estrela’

[iˈʃapite] ‘comprimento dele’

[ʃiwiˈda] / [ʃiwiˈda] ‘cabeça dela’

[ʃiˈmaka] / [ʃiˈmaka] ‘ela está ouvindo’

[ˈɲa:ʃi] / [ˈɲa:ʃi] ‘joelhos de deles’

[h] fricativa glotal surda

[haˈmo] ~ [haˈmõ] / [ha:ˈmõ] ‘quente’

[ˈha:ka] ‘arde’

[ˈhaj̃:ko] ~ [ˈhaj̃:kõ] / [ˈhaj̃:ko] ‘árvore, pau’

[ha:ˈmoʁi] ~ [haˈmõʁe] / [ha:moˈʁe] ‘verão’

[haˈpeʒi]] ‘frio’

[o:ˈʔepa] certo peixe’

[ˈhi:paˈda] ‘pedra’

[ˈhe:koˈapi] ‘dia, mundo’

[ˈhi: paɪ] ‘terra’

[ˈhe:ma] ‘anta’

[ˈhe:wia] / [ˈhe:βia] ‘arco-iris’

['hiwi'ʃi] / ['hiwi'ʃi] ~ ['hiwi'si] 'estrela'

['kapi'tizi] 'flechas'

[z] fricativa retroflexa sonora. Em algumas palavras Frank pronuncia [z] e Valkiria [z].

[te:do'azɔ] 'prima cruzada'

['ta:zɔ] / ['ta:zɔ] 'duro'

['ʔi:zi] / ['ʔi:zi] 'raiz dele (mandioca, batata)'

[ʔi:'zi] / [ʔi'zi] 'filho dele'

[ma:tʃi'weziko] 'mata cerrada'

['ma:βi'zɔ] ~ ['ma:wi'zɔ] / ['ma:wi'zɔ] 'abacaxi'

['ke:zi] 'lua'

['kepi'ze:ni] ~ ['kepizẽ:ni] / ['kepi'zẽ:ni] 'passarinho'

[zɔ' hʔio] 'para ela'

['zɔinizi] 'esposo dela/seu esposo'

['zɔ:pana] 'casa dela'

[zɔa'poa] 'caminho dela'

[zɔ'wio'kawa] / [zɔ'wio'kawa] 'ela está com medo'

[zɔipi'tana] 'nome dela'

[zɔni'wana] 'ela escolhe'

[zɔwa'pa] 'ela espera'

[zɔpi'ta] 'ela banha'

[zɔ:pi'ta] 'sujeira dela'

[zɔ'ma:] ~ ['rima:] / ['zɔma:] - ['rima:] 'ela/ele dorme'

['zɔ:ma] 'ela quer'

[zɔ'wana] 'ela grita ~ ela chama'

[zɔpo'te:] 'careca dela'

[zɔpo'te] 'forno dela'

[zɔ'niwa] 'ela cata, apanha'

[zɔmo' hʔoizɛ] 'mandioca mole dela'

[zɨ'zɨ] 'filho dela'

[zɨ'zi:ɲo] 'nora dela'

[zɔki'niki'zɛ] 'roça dela'

[zɔ: ʦe'tʰe:] 'beiju dela'

[zɔ'awa] / [zɔa'wa] 'ela vai'

[zɔ'ẽma] / [zɔ'ema] 'ela fica ~ ela em pé'

[zɔpe'dzo] 'ela gosta ~ela costuma'

3.2.1.4 Nasais

[m] nasal bilabial sonora

['ma:ko'tsa] 'não fala ~ cala a boca'

['ma: ma'tsa] 'não aceite'

['ma:na'pi] 'sarapó pintado (corpo)'

[ma:'ŋe:ka] 'mal-educado, não sabe'

['ma:pa] 'cana-de-açúcar'

['ma:pi] 'sem osso, fraco, cansado'

['ma:pi'pēmi] 'beribéri'

['ma:pi't̪a] 'limpo'

['ma:ti] 'mati(ta pereira)'

['ma:tʃi'daʃi] 'maldoso, aquele que é mal''

['ma:tʃi'weziko] 'no cerrado ~ no lugar feio''

['ma:βi'zo] / ['ma:we'zo] 'abacaxi'

[ma'daʃi'da] / [mã'daʃi'da] 'três'

['maka'daʃi] 'grande, pessoa gorda' ['ma:ka'datsa] 'atoa'

[ma:'kai'tetsa] 'não diga, não fala'

[ka:wi] / [maka'ʃo] 'borboleta'

['makoa'da] 'barato, sem troca/sem valor'

[ma'ʃið'me] 'morto, desmaiado'

['maʃo'yo] 'miçanga'

['mana'kaɪ] 'sem falta'

['mana'k^he] 'açai'

[ma'ŋēni] 'veneno'

[ma'tama'ta] 'matamata (tipo de quelônio)'

[ma'ts^hiʃi] 'deficiente, sem vergonha'

['matʃi'a] 'bom, boa, obrigado, tudo bem/bom'

['matʃia'dazo] 'bonita, linda'

['ma:wi'ʃoda] ~ ['ma:βi'ʃuda] / ['ma:βi'ʃoda] ~ ['ma:we'ʃuda] 'cupui'

['mawi'pi] 'zarabatana'
 ['mẽ:na] 'aquele que a mulher não quer, gosta'
 [me:'nipe] 'sem filho ~ que não engravida'
 ['me:zo'a] 'que não tem raiva ~ não raivoso'
 [me:'we] 'sem ovo'
 [moi'ma] 'murici'
 [mo'ɾa:to] ~ [mo'ɾa:tu] / [mo'ɾa:to] 'enrolado' (cabelo)
 ['moɾẽ'me] / ['more'me] 'desmaiando, fraco, desmaia de repente'
 [mõ^hɾoi] 'mandioca mole'
 ['mo:ɾi'to] 'tipo de sapo'
 ['mõ:zo'to] 'sarapó do igarapé de rabo pintado'

[m] nasal bilabial surda

['m̩okoɾi] 'piraíba'
 ['m̩ẽni] 'sem orelha'
 ['m̩adoa] 'sem mãe'
 [m̩ẽ'paka] 'sem crença'

[n] nasal alveolar sonora

['na:pãna] 'casa deles'
 ['naɪdzaka] 'eles estão chorando, estão chorando'
 ['ne:ni] 'lá ~ naquele lugar, tem'
 ['ne:ni'de] 'tem, tem sim'
 ['ne:pi'tãna] 'nome deles'
 ['nõ:pana] 'minha casa'
 [no:'p^hezi] 'irmão mais velho deles'
 ['na:ɾe't^he] 'beiju deles'
 [na'wini'ta] 'eles caçam'
 ['na^hɾ'io] 'para eles'

[na'wapaka] 'eles esperam'
 ['na:wi'ki] ~ [ne:wi'ki] / ['na:wi'ke] 'humano, pessoa, gente'
 [nai'tsaɾe'ta] 'eles pescam'
 [nai'tsaɾe'taka]] 'estão pescando'
 ['naka'xa:taka] 'eles mentem ~ estão mentindo'
 [na'yai'toka] / [na'yai'toka] 'eles roubam, estão roubando'
 ['naɽa't^haka] / ['naɽa't^haka] 'eles pedem'
 ['ne:maka'wa] 'eles ficam em pé, estão ficando em pé'
 [no:'maka] 'eu quero'
 ['nokan'taka] / ['nukan'taka] 'eu canto, estou cantando'
 [no'wɨoka'wa] 'tenho medo'

[ŋ] nasal alveolar surda

['ŋõkuri] 'piraíba'
 ['ŋoa] 'eu'
 ['ŋa:kaka] 'eles derrubam (árvore)'
 ['ŋa:ka'hã] 'foram aqueles/as'
 ['ŋa:ta'hã]] 'aqueles/as'
 [ŋa'ta ~ [ŋe'ta] / [ŋa'ta ~ [ŋe'ta] 'tiram/sacam'
 [nai'tsaɾe'ta] 'eles pescam'
 [nai'tsaɾe'taka] 'estão pescando'
 ['naka'xa:taka] 'eles mentem, estão mentindo'
 [ma'tama'ta] / [ma'tama'ta] 'matamata (tipo de quelônio)'
 [hɽi'ta] 'ele tirou'
 [hɽi:ta] 'bicho de pé dele'
 ['ɽi:pi'tana] ~ ['ɽi:pi'tãna] / ['ɽi:pi'tana] ~ ['ɽi:pi'tãna] 'nome dele, seu nome'
 [ts^ha:'zata] 'terçado'
 ['ŋa:hã]] 'esses'
 [ŋa:'maka] 'eles ganham (se mostram)'

['ᵛama'mi] ~ ['ᵛemã'mi] / ['ᵛemã'mi] 'barulho deles'
 ['ᵛa:ma] 'ganham'
 ['ᵛama] ~ ['ᵛẽma]/ ['ᵛẽma] 'ouvem barulhos'
 ['ᵛa'ka] ~ ['ᵛe'ka] / ['ᵛe'ka] 'cavam'
 ['ᵛa'kaka] ~ ['ᵛe'kaka] / ['ᵛe'kaka] 'eles cavam'
 ['ᵛa:'mawa] / ['ᵛa:'mao] 'vez deles/as'
 ['ᵛai'pa] 'pés deles'
 ['ᵛa:ʃi] 'joelhos de deles'
 ['ᵛawi'da] ['ᵛewi'da] / ['ᵛewi'da] 'cabeças deles'
 ['ᵛa'za:] 'puxam ~ eles puxam'
 ['ᵛa'tako] ~ ['ᵛe'tako] / ['ᵛe'tako] 'seus narizes ~ suas pontas, suas proas'
 ['ᵛamĩ'ʃaka] 'seus pesos, pesos deles'
 ['ᵛẽ:ni] 'orelhas deles, suas orelhas, alças deles'
 ['ᵛẽ:kowa] 'eles correm'
 ['ᵛẽ:ma't^ha] 'gritam'
 ['ᵛe:ma't^haka] 'eles gritam'
 ['ᵛõ'ni] 'minha (s) orelha (s)'
 ['ᵛõ'koa] / ['ᵛoe'koa] 'eu corro'

3.2.1.5 Flepes

[ɾ] flepe retroflexo sonoro

['ɾi:zɨ] 'raiz dele (mandioca, batata)'
 ['ɾi'zɨ] 'filho dele'
 ['ɾi:pe] 'carne dele'
 ['ɾi'p^he] 'folha'
 ['ɾi:wi] / ['ɾi:βi] 'flor dele ~ ferra ~ espinha dele (planta)'
 ['ɾi:pana] ~ ['ɾi:pãna] 'casa dele'
 ['ɾi'pãna] / ['ɾi'pana] ~ ['ɾi'pãna] 'ele planta, cultiva'
 ['ɾini'wana] ~ ['ɾini'wãna] / ['ɾine'wãna] 'ele escolhe'
 ['ɾi'wapa] 'ele espera'

- [ɽi'wana] 'ele grita ~ ele chama'
 [ɽi'maka] 'ele tinguíja'
 [ɽi'ma:ka] 'ele dorme'
 [ɽi'ma:] 'dorme'
 [ɽi:pi'tana] ~ [ɽi:pi'tãna] 'nome dele, seu nome'
 [ɽia'poa] 'caminho, trilha dele'
 [ɽi:nãĩ] 'com ele'
 [ɽi'ako] 'fala dele'
 [mo:ɽi'to] 'tipo de sapo'

[hɽ] flepe retroflexo surdo, pré e/ou pós-aspirado

- [hɽ ini'ko'a] / [hɽhine'koa] 'ele levanta, sai para (aldeia, roça, caminho)'
 [hɽ ipa'ni] ~ [hɽh ipa'ni] 'ele mexe, pega'
 [hɽi'wawa] ~ [hɽhi'wawa] 'ele cai'
 [hɽi'nã:na:] ~ [hɽhi'nã:na:] 'marca, sinal dele'
 [hɽie'kowa] ~ [hɽie'kowa] 'ele corre'
 [hɽi'maka] ~ [hɽhi'maka] 'ele ouve/escuta'
 [hɽi'ta] ~ [hɽhi'ta] 'ele tirou'
 [hɽi:ta] ~ [hɽhi:ta] 'bicho de pé dele'
 [hɽiβi'aka] ~ [hɽhiβi'aka] 'assoprar veneno'
 [hɽiphi'aka] ~ [hɽhiphi'aka] 'ele assopra (feitiça)'
 [hɽiwi'da] ~ [hɽhiwi'da] 'cabeça'
 [hɽi'ka] ~ [hɽhi'ka] 'ele cava (buraco)'
 [hɽhim^he'ta] ~ [hɽhim^he'ta] 'sovino dele'
 [hɽie'pa] ~ [hɽhie'pa] 'ele crê/confia/responde/obedece'
 [hɽado'a] ~ [hɽh^hado'a] 'mãe dele'
 [hɽa'nizi] ~ [hɽh^ha'nizi] 'pai dele'

Observação: todos os flepes surdos podem ser realizados pré-aspirados ou pré e pós-aspirados.

3.2.1.6 Aproximantes

[w] aproximante bilabial sonora

- [wa:ʰtʃio] ‘para nós’
 [ˈwa:kaka] ‘derruba’
 [ˈwe:maka] ‘nós moramos/vivemos/ficamos’
 [ˈtʃi:wi] / [ˈtʃi:βi] ‘flor, espinha’
 [owiˈzɔ] ‘ouro’
 [o:waˈda] ‘euapixuna’
 [ˈo:wi] ‘guerra’
 [a:waˈdo] ‘bacurau’
 [aˈzawe] / [aˈzawe] ‘barata’
 [waˈya] ‘nosso coro’

[w̥] aproximante bilabial surda

- [me:ˈw̥e] ‘sem ovo’
 [oˈw̥i:] ‘sarapó do rio’
 [ˈo: w̥izɔ] ‘tipo de batata’
 [zɔˈw̥ioˈkawa] ‘ela está com medo’
 [noˈw̥iokaˈwa] ‘tenho medo’

[y] aproximante alveopalatal sonora

- [ˈyapi] ‘comprido’
 [yoˈkiz̥a] / [yoˈkez̥a] ‘sal’
 [ˈyo:pinai] ‘encanto’
 [ˈya:ɾi] ‘certa árvore’
 [ˈtʃi:wi] / [ˈtʃi:βi] ‘flor ~ espinha’
 [akaˈyɔ] / [akaˈyo] ‘kaju’
 [yo:ˈta:ta] ‘certo pássaro (gavião pequeno)’
 [waˈyawa] ‘goiaba’

[ɾi'ya] 'curo ~ casca dele'
 [zɔ'ya] 'coro dela'
 ['noya] 'meu coro'
 [na'ya] 'coro dele, casca deles (pessoas árvores, coisas)'
 [wa'ya] / ['wa:ya] 'nosso coro'
 [ɾia'zɔya] 'vasilha (cuia)', 'caixão (defunto) dele'
 [i:'ỹãĩ] / [ĩ:'ỹãĩ] 'catanga, axila'
 [i'ỹaimi] ~ [i'ỹãimi] / [ĩ'aimi] 'diabo'
 [ĩ'ỹa:ka] 'vocês batem'
 ['ɲamĩ'ỹaka] 'pesos deles'
 [na'yai'toka] / [na'yai'toka] 'eles estão roubando'
 ['ỹãpi] 'osso'

[ỹ] aproximante alveopalatal nasal surda

[nui'ỹa] 'eu como'
 [nu'ỹeta] 'eu esfrego'

[ỹ] aproximante alveopalatal nasal sonora

['ỹapi'zĩkɔri] 'ser sobrenatural'
 [i'ỹaimi] ~ [i'ỹãimi] / [ĩ'aimi] 'diabo'
 [ĩ'ỹatsa] 'meio cru (alimento)'
 ['pỹã] 'tiririca'
 ['ỹapi'zĩkɔri] 'ser sobrenatural'

3.3 CONTRASTES ENTRE FONEMAS CONSONANTAIS

Apresentamos, em seguida, pares mínimos e análogos que mostram os contrastes entre sons que distinguem significado na língua.

/p/ e /p^h/

/pekɔá/ ['pe:kɔa] 'rosto'

/pekɔá/ ['p^he:kɔa] 'você corre'

/p/ e /w/

/hipadá/ [hi:pa'da] 'pedra'

/awadó/ [a:wa'do] 'bacurau'

/t/ e /t^h/

/t^háza/ / [t^ha:za] 'mariposa'

/táza/ / [ta:za] 'duro'

/t/ e /d/

/táza/ [ta:za] 'duro'

/dápa/ [da:pa] 'paca'

/h^hitá/ [h^hi'ta] 'ele tirou'

/madáridá/ [mã'da:ri'da] 'três'

/k/ e /k^h/

/kapitá/ [ka:pi'ta] 'sujo'

/k^haçimé/ [k^ha:'çime] 'triturado'

[k^h] e [h]

[k^he:'na] ~ [k^he:'nã] / [k^he:'nã] 'coitado, pobre'

[he:ma] / [he:ma] 'anta'

/ts/ e /dz/

/tsótsa/ [tso:tso] 'pouco'

/dzóka/ [dzo:ka] 'machado'

/ts/ e /ts^h/

/tsótsobo/ [tso:tsobo] 'pombo'

/ts^hóiwi/ ['ts^hoiwe] 'vara fina'

/tsakáza/ ['tsa:ka,za] 'gafanhoto'

/ts^ha'zta/ ['ts^hazota] 'terçado'

/dz/ e /d/

[dápa/ ['da:pa] 'paca'

[dzáma/ ['dzã:ma] 'bodó'

/m/ e /m̩/

/mókoṛi/ ['mokoṛi] 'espécie de árvore' *árvore sp.*

/m̩ókoṛi/ ['m̩okoṛi] 'piraíba'

/móame/ ['moame] 'se confundir'

/m̩óame/ ['m̩oame] 'começar a ferver'

/mádoa/ ['madoa] 'curto'

/m̩ádoa/ ['m̩adoa] 'sem mãe'

/m/ e /p/

/dópo/ ['du:pu] / ['do:po] 'calango'

/dóme/ ['dɔ:me] / ['dõ:me] 'aracu pintado'

/m/ e /w/

/dóme/ ['dɔ:me] / ['dõ:me] 'aracu pintado'

/azáwe/ [a'zawe] 'barata'

/n/ e /n̩/

/nóa/ ['noa] 'dou'

/ŋóa/ [ˈŋoa] ‘eu’

/nokána/ [noˈkana] ‘eu fogo’

/nokaŋá/ [nokaˈŋa] ‘eu gemo’

/n/ e /d/

/dopaɾí/ [dɔːˈpaɾi] ‘araripirá’

/nópana/ [ˈnõːpana] ‘minha casa’

/z/ e /ʃ/

/ŋájĩ/ [ˈŋaːʃi] ‘joelhos de deles’

/názu/ [ˈnazu] ‘eles derramam’

/ɾ/ ~ /z/

/moɾitó/ [ˈmoːɾiˈto] ‘tipo de sapo’

/mozotó/ [ˈmoːzoˈto] ‘sarapó do igarapé de rabo pintado’

/táza/ [ˈtaza] ‘duro’

/táɾi/ [ˈtaɾi] ‘aracú’

/ɾ/ e /^hɾ/

/ɾimá/ [ɾiˈmã:] ‘ele dorme’

/^hɾ imá/ [hɾiˈma] ‘ele ouve’

/ná^hɾio/ [ˈna^hɾiˈo] ‘para eles’

/áɾi/ [aː ɾi] ‘garça-moura’

/w/ e /w̃/

/ów̃izo/ [ˈoːw̃izo] ‘tipo de batata’

/ówi/ ['o:wi] 'guerra'

/ów̥izo/ ['o: w̥izo] 'tipo de batata'

/ów̥izo/ ['ow̥izo] 'ouro'

/w/ e /p/

/mámi/ ['ma:pi] 'nambu'

/wápi/ ['wa:pi] 'nosso osso'

/wápi/ ['wa:pi] 'nosso osso'

/mápi/ ['ma:pi] 'sem osso, fraco, cansado'

/y/ e /ỹ/

/íỹapi/ ['ĩãapi] 'osso'~

/yápi/ ['yapi] 'comprido'

[ỹáme/ ['ỹãme] 'não (Frank)

/wayáwa/ [wa'yawa] 'goiaba'

/ỹ / e /ỹ̥/

/píỹa] / ['pĩỹa] 'tiririca'

[píỹa] / ['pĩỹa] 'você come'

/íỹatsa/ [ĩ'ỹatsa] 'meio cru (alimento)'

/tỹaka/ [tĩ'ỹaka] 'ele está comendo'

/zoiỹáka/ [zoi'ỹaka] 'ela está comendo'

/noiỹáka/ [noi'ỹaka] 'eu estou comendo'

3.4 DESCRIÇÃO DAS REALIZAÇÕES FONÉTICAS DAS VOGAIS

Quadro 7 – Quadro fonético das vogais

	Anteriores		Central		Posterior	
	não arredondada				arredondada	
	breve	longa	breve	longa	breve	longa
Alta	i ĩ i̇	i: ĩ:				
Média	ɛ e ě	e: ě:			o ɔ u ô	o: ô:
Baixa			a ã ą	a: ã:		

3.4.1 Vogais breves

[i] vogal anterior alta fechada breve

[o'ɣi] 'sarapó do rio'

[i'enipe'ti] 'criança'

[i'zai'daɽi] / [i'zai] 'vermelho'

[i'inizi] 'traíra'

[i'na:] 'vocês mandam'

[i:na] 'mulher' [i'ma:] / [i'mã:] 'vocês dormem'

[i'ma] 'vocês tinguíjam'

[i'tsi] 'macaco guariba'

[itʃi'da] 'jabuti'

[i'to] 'certa árvore'

[e] vogal anterior média fechada breve

[me:'we] 'sem ovo'

[yo'kiza] / [yo'keza] 'sal'

[tʃa:me] 'cerrado, fechado'

[tʃ^hoiwi] 'vara fina'

[ri:'p^hezi] / [no:'p^hezi] 'irmão mais velho dele'

[a'me] 'formiga'

[a'zawe] / [a'zawe] 'barata'

['a:ɿ] / ['a:ɿe] ‘pimenta’
 ['eko] ~ ['eko] ‘catinga, fedor’
 [o:ɿe'pa] ‘certo peixe’
 ['ha:pe] ‘verdadeiro’

[a] vogal central baixa breve

['a:pi] ‘cobra’
 [a'me] ‘formiga’
 [a:wa'do] ‘bacurau’
 [a'zawe] ‘barata’
 [wa'ya]] ‘nosso coro’
 [a:pid'za] ‘porco do mato’
 ['a:ɿi'daɿi] ‘tatu’
 [ama'na] ‘boto’
 [a'yã:hã] ‘aqui’
 [a:ta:'hã] ‘ali’
 ['a:na'hã] ‘bem ali’
 [tsɿ'ãɿi] / [a:'tsia] ‘homem’
 ['a:da'zo] / ['a:dazo] ‘arara’
 ['ɿiya] ‘couro, casca dele’
 ['ya:ɿi] ‘certa árvore’
 ['ɿi:wi] / ['ɿi:βi] ‘flor, espinho’
 [a'waka'da] ‘floresta’
 ['a:pa'ma] ‘uma mulher’
 [apa'ma] ‘par’
 [a:pa,na] ‘uma árvore/garrafa’
 [tsɿ'ãɿi] / [a:'tsia] ‘homem’
 [a'pa:pi] ‘um (prato/osso)’

[o] vogal posterior média fechada arredondada

[o'maj] 'piranha'

[owi'zɔ] 'ouro'

[ono'ti] 'tipo de curucuru'

[o'wi] / 'sarapó do rio'

[o'zaj] 'magro'

[u] vogal posterior alta aberta arredondada

['dɔ:pa'ti] 'araripirá'

['dɔ:pu] ~ ['dɔ:po] / ['dɔ:po] 'calango'

['nokan'taka] / ['nɔkan'taka] 'eu canto, estou cantando'

[na'yai'toka] / [na'yai'toka] 'eles estão roubando'

[aka'yo] / [aka'yo] 'kaju'

[zɔ'ya] / [zɔ'ya] 'coro dela'

['p^he:kɔ] / ['p^he:kɔ] 'você corre'

['dɔ:me] ~ [dõ:'me] / ['dõ:me] 'aracu pintado'

['dɔ:pa'ti] 'araripirá'

['dɔ:wi,zɛ] / ['dɔ:wi,zɛ] 'espinho'

3.4.2 Vogais assilábicas[i] vogal anterior alta fechada breve assilábica

[o:'zaj] 'magro/fraco'

['aini] 'caba'

[tsj'ãri] / [a:'tsia] 'homem'

[a] vogal central baixa breve assilábica

['de:pia'tɔ] 'de manhã'

['e:mi'da'ti'tɔ] / [e:mida'ti'tɔ] 'criança ainda'

[ɔ] Vogal posterior média fechada assilábica

[ˈpe:kɔa]] ‘rosto’

[ˈpʰe: kɔa] / [ˈpʰe: kɔa] ‘você corre’

[ʊ] vogal posterior alta aberta arredondada assilábica

[ˈpʰe: kʊa] / [ˈpʰe: kɔa] ‘você corre’

3.4.3 Vogais longas

[i:] vogal anterior alta fechada longa

[i:ˈʔa] ‘fumaça’

[i:ˈʔa] ‘preto(a)’

[i:ˈta] ‘canoa’

[i:ˈto] ‘filha de vocês’

[i:ˈzai] ‘sangue’

[i:ˈto] ‘filha de vocês’

[i:ˈkoʔi] ‘cabeçudo’

[i:ˈtsizi] ‘caça’

[i:ˈtsi:zi] ‘galo da serra’

[i:ˈtsitsi] ‘muçum’

[i:ˈna] ‘mulher’

[iˈna:] ‘vocês mandam’

[i:ˈna] ‘mulher’

[i:ˈnizi] ‘marido de vocês’

[i:ˈʔaˈdaʔi] / [i:ˈʔaˈdali] ‘cor preta’

[i:ˈwiˈdo] ‘quero-quero’

[i:ˈnai] / [i:ˈnãi] ‘com vocês’

[i:ˈpiˈtana] / [i:ˈpiˈtana] ‘nome de vocês’

[e:] vogal anterior média fechada longa

[ˈe:ˈno] ‘céu’

['e:ni] 'aranha'
 ['e:noʁi'ko] 'no céu'
 ['e:wa] 'amarela'
 ['e:wa'daʁi] 'aquele amarelo'
 ['e:ko] 'fedor'
 [e:ko'daʁi] 'o que fede'
 [e:zi'daʁi] 'de carne dura'
 [e:mi'daʁi] 'criança nova, não maduro(a) (fruta)'
 [e:ʔi'pa] 'certa planta (iúira)'
 ['zi'to] 'acara disco'

[a:] vogal central baixa longa

['ha:pe] 'verdadeiro'
 ['a:ʔi]] 'pimenta'
 ['a:ʃi] 'cará'
 ['a:ko:zo] 'lagarta'
 ['a:wi] / [a: 'βi] 'agulha'
 [a:wa'do] 'bacurau'
 ['a:pi] 'cobra'
 ['a:ʔi] 'pimenta'
 [a:'te] 'tamanduá-mirim'
 ['a:ʔi] 'pimenta'
 ['a: ʁi] 'garça-moura'
 ['a:ʁi'daʁi] 'tatu'

[o:] vogal posterior média fechada arredondada

['zo:ma] 'ela quer'
 [o:pi'na] 'faz tempo'
 [o:'zaɪ] 'magro/fraco'

[o:ma'pi] 'minhoca'
 ['o:zo] 'bodó do igarapé'
 ['o:wɔzo] 'tipo de batata'
 ['o:wi] 'guerra'
 [o:ma'waʔi] 'cobra grande'
 [o:'pika] 'hoje'
 [o:pi'tsi] 'matapi'
 [o:ʔe'pa] 'certo peixe'
 [o:wa'da] 'euapixuna'
 ['o:pi] 'antigamente'
 [o:ka'za] 'piaba'

3.4.4 Vogais nasalizadas

[ĩ] Vogal anterior alta aberta nasalizada

[i:'ỹãĩ] 'catinga ~ axila'
 ['piỹã] 'você come'
 [tĩ'ỹaka] 'ele está comendo'
 [zoĩ'ỹaka] 'ela está comendo'
 [noĩ'ỹaka] 'eu estou comendo'
 [noĩ'ỹaka] 'eu estou comendo'
 [ĩ:'ỹãĩ] 'catinga, axila'
 [ĩ'ỹaimi] 'diabo'

[ẽ] vogal anterior média nasalizada

[zo'ẽma] 'ela fica ~ ela em pé'
 ['dze:ma] 'tabaco'

[ã] vogal central baixa nasalizada

['pãndza] 'agora'
 ['pãnt̃i] / ['pãnt̃e] 'casa'
 ['dza:ma] / ['dzã:ma] 'bodó'

[ɾi:'nã̃] / [ɾi:'nã̃] 'com ele'
 [ʰɾi'nã:na:] / [ʰɾʰi'nã:na:] 'marca ~ sinal dele'
 ['ɾama'mi] 'barulho deles'
 [i:'ỹã̃i] / [ĩ:'ỹã̃i] 'catinga ~ axila'
 [i'ỹaimi] ~ [i'ỹãimi] / [ĩ'aimi] 'diabo'
 [kʰe:'nã] ~ [kʰe:'nã̃] / [kʰe:'nã̃] 'coitado, pobre'
 ['dza:ma] / ['dzã:ma] 'bodó'
 [ɾi'ma:] / [ɾi'mã:] 'ele dorme'
 [a'yã:hã̃] 'aqui'
 [a:ta:'hã] 'ali'
 ['a:na'hã] 'bem ali'
 [ts̃i'ã̃i] / [a:'tsia] 'homem'

[õ] vogal posterior média fechada nasalizada

['mõ:zo'to] 'sarapó do igarapé de rabo pintado'
 ['nõ:pana] 'minha casa'
 ['dõ:me] ~ [dõ:'me] / ['dõ:me] 'aracu pintado'

3.4.5 Contrastes entre vogais

[i:] e [i]

/íto/ ['ito] 'certa arvore'

/íto/ ['i:to] 'filha de vocês'

/izáidáɾi/ [i'zã̃i] 'vermelho'

/i:zái/ [i:'zã̃i] 'sangue'

[e:] e [e]

/hápe/ ['ha'pe] 'frio'

/há:pe/ 'ha:pe] 'verdadeiro'

/zopoɾé:/ [zɔ'poɾe:] 'careca dela'

/zopoɾé/ [zɔpo'ɾe] 'forno dela'

[a:] e [a]

/zomá:/ [zɔ'ma:] 'ela dorme'

/zomá/ [zɔ'ma] 'ela procura'

/ɾimáka/ [ɾi'maka] 'ele tinguíja'

/ɾimá:ka/ [ɾi'ma:ka] 'ele dorme'

[o:] e [o]

/zomá:/ ['zɔma:] 'ela/ele dorme'

/zó:ma/ ['zɔ:ma] 'ela quer'

3.5 FONEMAS E SEUS ALOFONES

Com base em contrastes de pares mínimos e análogos, chegamos a 26 fonemas consonantais e 8 fonemas vocálicos, sendo que destes quatro são breves e quatro longos.

Quadro 8 – Inventário dos fonemas consonantais do Baníwa

Ponto de Art.	Sonoridade	Bilab.	Dental	Alveo	Retrofl	Alv.p alat.	Vel.	Glott.
Modo de Art.↓								
Oclu.	<u>Su</u>	/p/ [p]	/t̪/ [t̪]	/t/ [t]			/k/ [k]	
	<u>Su.asp</u>	/p ^h / [p ^h]	/t ^h / [t ^h] /t̪ ^h / [t̪ ^h]				/k ^h / [k ^h]	
	<u>So</u>	/b/ [b]		/d/ [d]				
Afric.	<u>Su</u>			/ts/ [ts] [s]				
	<u>So</u>			/dz/ [dz] [z]				
Fric.	<u>Su</u>				/ʃ/ [ʃ]			/h/ [h]
	<u>So</u>				/z/ [z]			

Nas.	<u>Su</u>	/m̥/ [m̥]		/n̥/ [n̥]			
	<u>So</u>	/m/ [m]		/n/ [n]			
	<u>Su.asp.</u>				/ʰt̥/ [ʰt̥] [ʰt̥ʰ]		
					/t̥/ [t̥]		
	<u>Su</u>		/w̥/ [w̥]			/y̥ʰ/ [y̥ʰ]	
prox.	<u>So</u>		/w/ [w][β]			/y/[y] /y̥/ [y̥]	

Quadro 9 – Inventário dos fonemas vocálicos do Baníwa

	Anteriores		Central		Posterior	
	não arredondada				arredondada	
	breve	longa	breve	longa	breve	longa
Alta	/i/[i] [ĩ] [i]	/i:/[i:] [i:]				
Média	/e/ [e] [ɛ] [ẽ]	/e:/ [ẽ:] [e:]			/o/[o] [õ] [o]	/o:/ [õ:] [o:]
Baixa			/a/ [a][ã] [a]	/a:/[a:] [ã:]		

3.6 NASALIZAÇÃO VOCÁLICA

Todas as vogais podem ocorrer nasalizadas quando em contiguidade com consoante nasal (precedendo ou seguindo a consoante nasal), mas há também o fenômeno da nasalidade cuja fonte é a fricativa glotal /h/. Este último é um processo de nasalização espontânea já bastante discutida na literatura sobre línguas indígenas do Brasil (ver RODRIGUES, 2003; QUINTINO, 2012; COUTO, 2012, 2016, entre outros), e já identificada em línguas Aruak, como o Manxineru (ver COUTO, 2012, 2016). Matisoff (1975) chama esse processo de nasalização espontânea de *Rhinoglottophilia*.

Exemplos:

[ˈŋa:taˈhã] / [ˈŋa:taˈhã] ‘aqueles/aqueles’

[aˈyã:hã] / [aˈya:hã] ‘aqui’

[a:taˈhã] / [a:taˈhã] ‘ali’

[ˈa:nãˈhã] / [a:nãhã] ‘bem ali’

[ˈõhõ] / [ˈõhõ] ‘sim’

Quem primeiro observou esse fenômeno em Baniwa foi Taylor (1991, p. 27), como já mencionamos anteriormente.

3.7 NOTAS SOBRE A FONOTÁTICA BANÍWA

A sílaba canônica do Baniwa é ((C₁)V(C₂), sendo C₁ qualquer consoante, V qualquer vogal (longa ou breve) e C₂ /n/. Encontros de vogais breves podem resultar na assilabação de uma delas, mais frequentemente quando se encontram em sílaba final:

[ˈhɑj:kɔ] ~ [ˈhɑj:kʊ] / [ˈhɑj:kɔ] ‘árvore, pau’

[ˈtɑjme] / [ˈtɑjme] ‘firme’

[ˈp^he:kʊɑ] / [ˈp^he:kʊɑ] ‘você corre’

[tsj̥ˈɑri] / [a:ˈtsia] ‘homem’

[o:ˈzɑj̥] / [o:ˈzɑj̥] ‘magro/fraco’

O Baniwa-Koripáko permite apenas o fonema /n/ em posição final de sílaba, seguida de outra consoante:

[ˈpã̃n.dza] ‘agora’

[ˈpã̃n.t̥j̥] ‘casa’

3.8 ACENTO

O acento do Baniwa-Koripáko é contrastivo, como mostram os seguintes exemplos:

[ˈt̥i:z̥i] ‘raiz dele (mandioca, batata)’

[t̥i:ˈz̥i] ‘filho dele’

[zɔˈma:] ‘ela/ele dorme’

[ˈzɔ:ma] / [ˈzɔ:ma] ‘ela quer’

Ramirez observa que “...o acento primário, em Baniwa-Curripaco, é basicamente um acento de altura: a sílaba acentuada tem um timbre mais alto que as demais.” e que “Este acento nunca aparece na última sílaba da palavra; ele cai geralmente na penúltima sílaba da palavra...”

(RAMIREZ, 2001, p. 85). Entretanto, nos nossos dados, o acento cai também na última sílaba, como nos dados acima.

Observamos que e, há palavras com mais de um acento, provavelmente de mesma altura, assim como há palavras com mais de um acento, embora apenas um com maior altura. Há também casos de alongamento vocálico que tornam a sílaba mais preponderante. Várias das alternâncias de ritmo em Baníwa se quando das expansões morfológicas dos temas. Entretanto, não aprofundamos aqui uma estudo sobre ritmo em Baníwa, um tema que deve necessariamente ser foco de futuros estudos.

3.9 METÁTESE VERSUS CONSOANTES ASPIRADAS

Como já mencionamos anteriormente, Taylor foi o primeiro linguista a descrever um processo de metátese de uma consoante glotal surda com a vogal precedente, fenômeno observado em fronteira morfológica. Taylor (1991, p. 28) considera a existência de consoantes aspiradas como unidades fonológicas na língua Baníwa:

h, em início de morfema interno, assimila-se à última consoante do morfema precedente:

ph pi-*hita > phita "você tira" •
 th ridzekata-*heni > ridzekatheeni "ele fez"
 " dzaatte-*heni > dzaatheni "filhote de tucano"
 kh ka-*hidzaaku > khedzaaku (variante de kedzaku) "forte"
 hm dzama-*hiku > dzahmeku "dois (+ *classificador*)"
 hn nu-*hita > hnuta "tiro"
 hõ iõai-hiipa-ni > ihõáipani «Cachoeira do diabo»
 hr ri-*hita > brita "ele tira"
 hrr rru-hita > hrruta "ela tira"
 hw wa-*hita > hweta "tíramos"

Embora reconhecendo este processo, Taylor considera a existência de consoante aspiradas com função distintiva, ao afirmar que “os símbolos gráficos compostos ph,th,kh,hm,hn,hñ, ts, dz, hr, hrr, e hw representam unidades fonêmicas. As soantes aspiradas hm, hn, hñ, hr, hrr e hw se ensurdecem” (TAYLOR, 1991, p. 21).

Ramirez (2001), por sua vez, considera que todas as consoantes aspiradas da língua são resultado de metátese, embora afirme que há consoantes aspiradas que não se pode provar que resultem de metátese. Procura demonstrar que “... todas essas consoantes devem ter a mesma e única interpretação fonológica: são grupos consonânticos, o segundo segmento fonêmico do grupo sendo sempre **h**”. Formula a regra seguinte, formalizando o que propõe Taylor:

/C + h/ → [C^h] (C obstruinte)
→ [C̥] (C soante)

Ramirez chega ao número de 14 grupos consonantais Ch, que, segundo ele, possibilitam a realização de 6 consoantes aspiradas [Ch]. Reproduzimos, em seguida, os dados contidos em Ramirez (2001, p. 52-53):

[C^h]:

/ph/	[p ^h]	
/th/	[t ^h]	
/t̪h/	[t̪ ^h]	
/dh/	[t ^h]	
/kh/	[k ^h]	
/tsh/	[ts ^h] ~ [tʃ ^h]	conforme o contexto e o dialeto: no dialeto central, [tʃ ^h] antes de i e [ts ^h] nos outros contextos (cf. 1.2.1.)

/dzh/ [ts^h] ~ [tʃ^h] idem

e de 10 consoantes surdas (geralmente [C̥]):

/mh/ [m̥]

/nh/ [n̥]

/ɲh/ [ɲ̥]

/lh/ [l̥]

/t̪h/ [t̪̥] (ou mais fechado para certos falantes: [t̪̥] ~ [s̥])

/wh/ [w̥] ~ [ɥ̥] (ou [ɸ̥] para certos falantes)

conforme o contexto: [ɥ̥] antes de i e [w̥] nos outros contextos (cf. 1.2.1.)

/jh/ [ç̥] ~ [ʃ̥]

conforme o dialeto: [ç̥] no dialeto setentrional, [ʃ̥] nos outros dialetos

Embora considere que a aspiração de consoantes seja o resultado de metátese, formando grupos consonantais e, portanto, de valor fonético, reconhece que “... mesmo extremamente produtiva, a metátese revela formas subjacentes que não se deixam formular facilmente.” (op cit, p. 63). Ramirez (2001, p. 64) também acentua que,

tendo em vista essas dificuldades teóricas e práticas (metátese ou não, formas subjacentes difíceis de formular), optaremos, nesta gramática, para um nível subjacente intermediário entre CVhV e as formas superficiais ([C^hV], [C8V]), ou seja: /ChV/, notando, por exemplo, **thi olho**, **kóphe peixe**, etc.

O fato é que, em um nível fonológico, a maioria das consoantes plenas contrastam com suas contrapartes aspiradas, como mostrado neste estudo. Considerando esses contrastes, assim como o fato de que há palavras em que a aspiração de consoantes não pode ser derivada por meio de metátese, consideramos, neste estudo, o valor distintivo das consoantes aspiradas.

Não foram encontradas contrapartes aspiradas de /b/, /d/, /dz/, /y/ e /z/. Ramirez propõe que /j+h/, seja a contraparte de /j/, que se realiza [ç] (dialeto setentrional) ou [S] (dialeto central ou meridional). Critica Taylor por não ter percebido a existência de [j], e Scheibe (1957) por considerar [j] um fonema a parte. Entretanto, seu argumento é o que deve haver distribuição complementar entre consoantes plenas e aspiradas, sendo a metátese o fator condicionante.

Mas o autor não oferece uma explicação plausível para que /j/ seja analisado como alofone de /j/, aqui representado por /y/.

3.10 SONS RETROFLEXOS

Nesta seção tratamos dos sons retroflexos do Baníwa-Koripáko. Nossos dados contêm os sons [ʒ] e [ɽ], [ʰɽ], todos retroflexos.

3.10.1 Os flepes retroflexos

Os flepes sonoro [ɽ] e surdo pré-aspirado [ʰɽ] ou pré e pós-aspirado [ʰɽʰ] são analisados por Taylor como uma soante vibrante alveolar lateral oral; por Ramirez como uma aproximante líquida anterior /l/. Nos nossos dados identificamos dois flepes fonológicos, um sonoro e outro surdo, ambos com realizações retroflexas. Em seguida, apresentamos dois espectrogramas de palavras contendo este som, nas falas de Frank e Valkiria:

Imagem 1 - Espectrograma da palavra 'barraca', falante Frank
 [,pama'kaʃi] / [,pama'kaʃi] 'barraca'

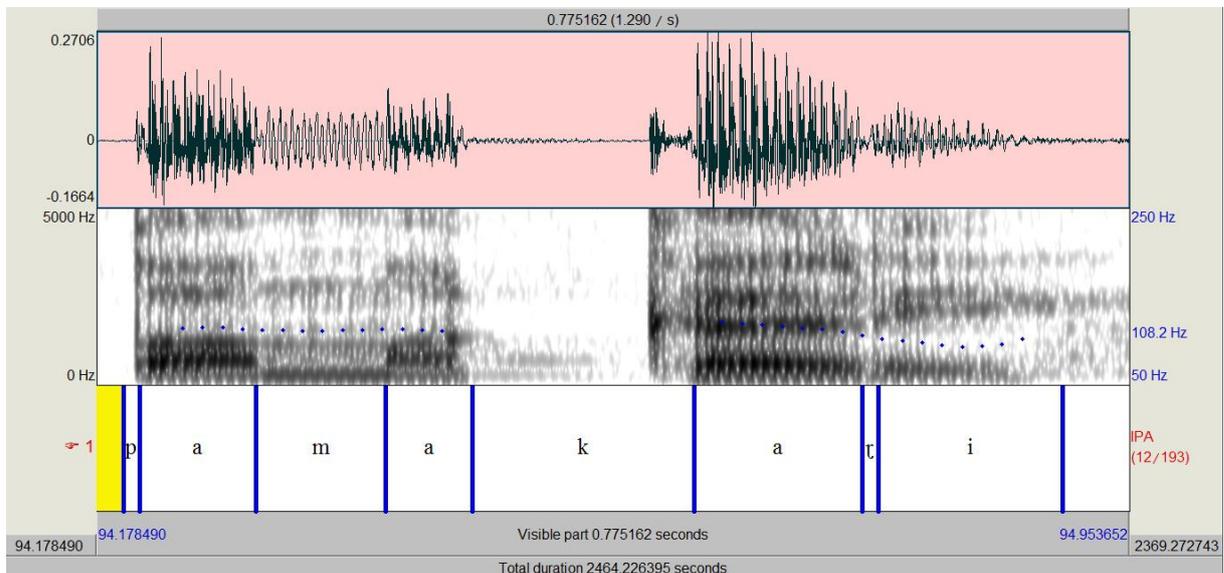
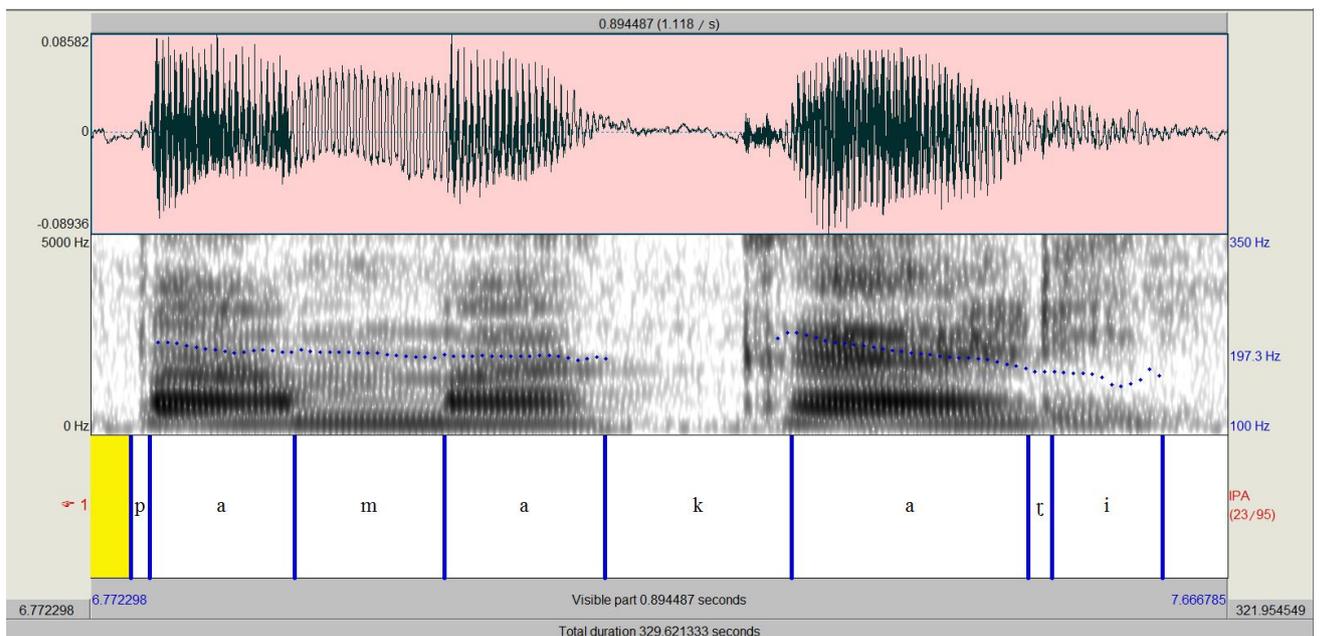


Imagem 2 – Espectrograma da palavra 'barraca', falante Valkíria



Sobre o flepe retroflexo pré-aspirado, é necessário frisar que os espectrogramas colhidos revelam que há ocorrências: pré-aspirados, ocorrências pré-aspirados surdos e há também casos em que há pré-aspiração e pós-aspiração. Em uma das falas, o flepe ocorre com uma pré-fricção palatal surda, como mostram os seguintes espectrogramas:

Imagem 3 – Espectrograma da expressão ‘ele levanta ~ sai para (aldeia ~ roça ~ caminho)’,
falante Frank

[^hʔini'ko'a] / [^hɰine'koa] ‘ele levanta ~ sai para (aldeia ~ roça ~ caminho)’

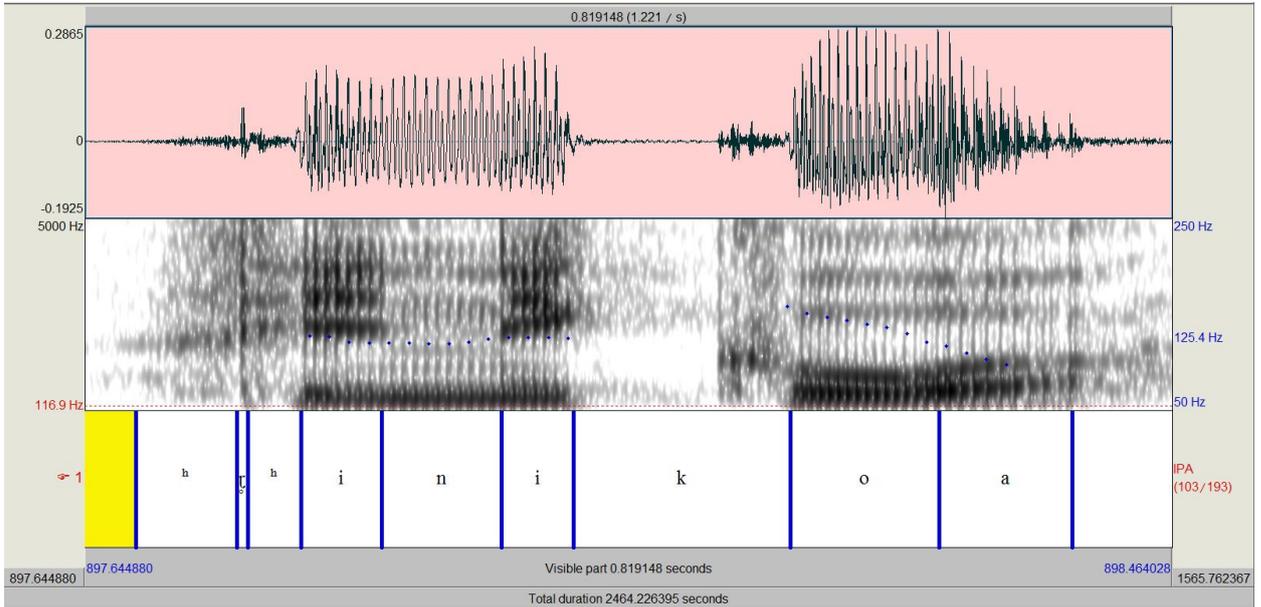
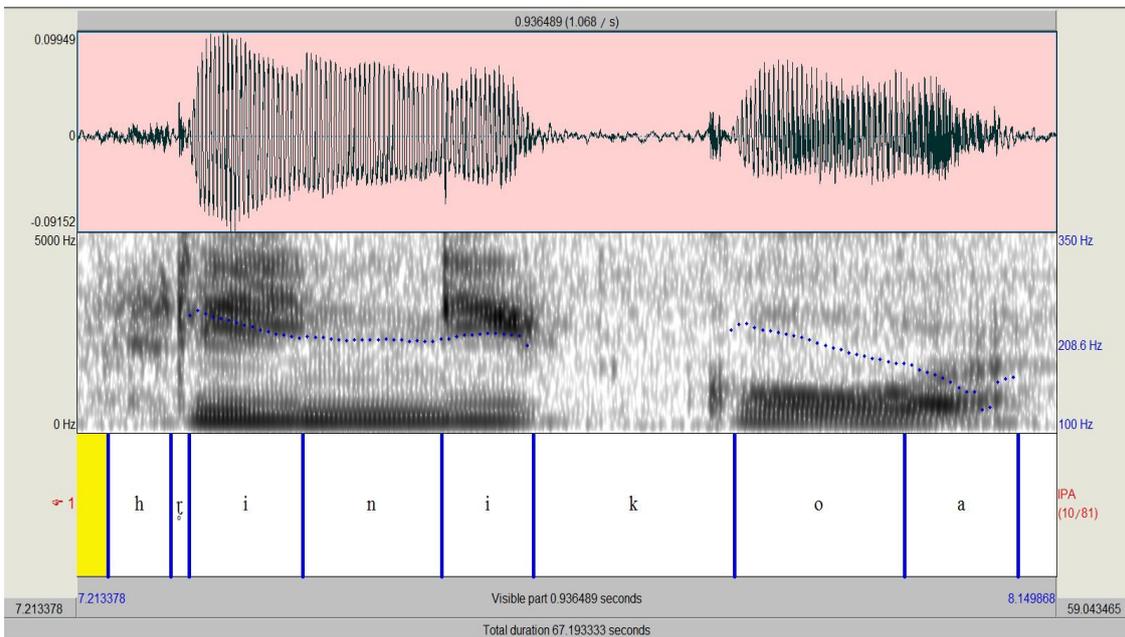
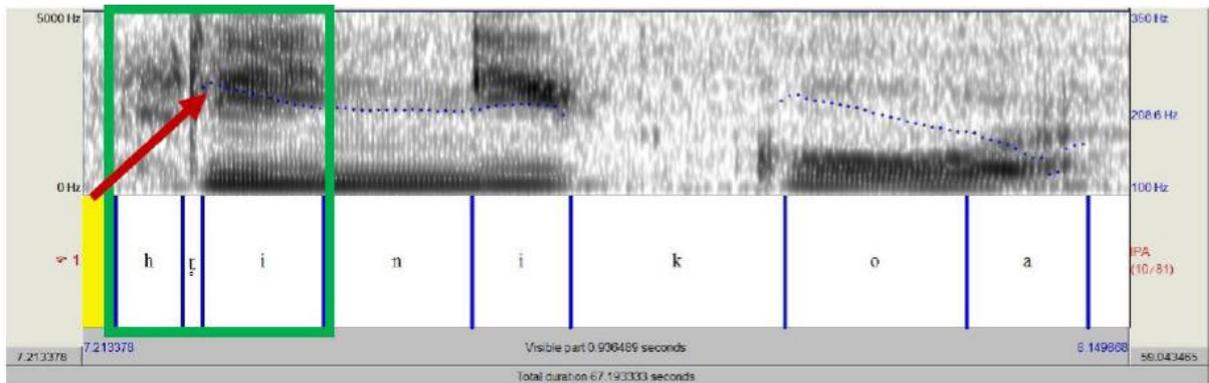


Imagem 4 – Espectrograma da expressão ‘ele levanta ~ sai para (aldeia ~ roça ~ caminho)’,
falante Valkiria



O som ‘r’ fricativo ou aspirado

Podemos ver ainda que esse som é surdo, isto é, não são visíveis as cordas vocálicas vibrando durante a produção de h_r . Observe-se como só vão existir bolinhas azuis depois desse som, já na vogal ‘i’.



Resumindo:

- 1) Temos uma batida que lembra muito uma consoante oclusiva;
- 2) Temos uma fricativa logo antes (no início da palavra) ou antes e depois (entre duas vogais)

Imagem 5 – Espectrograma da palavra ‘ele mexe ~ pega’, falante Frank

[^hɾipa'ŋi] / [^hɾipa'ŋi] ‘ele mexe ~ pega’

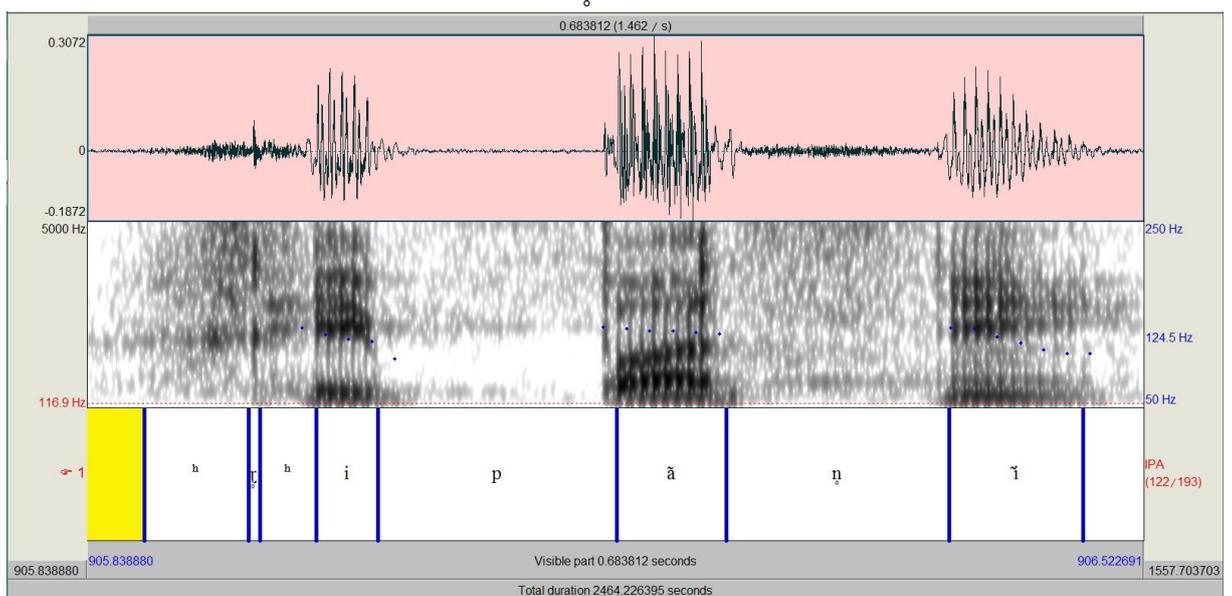
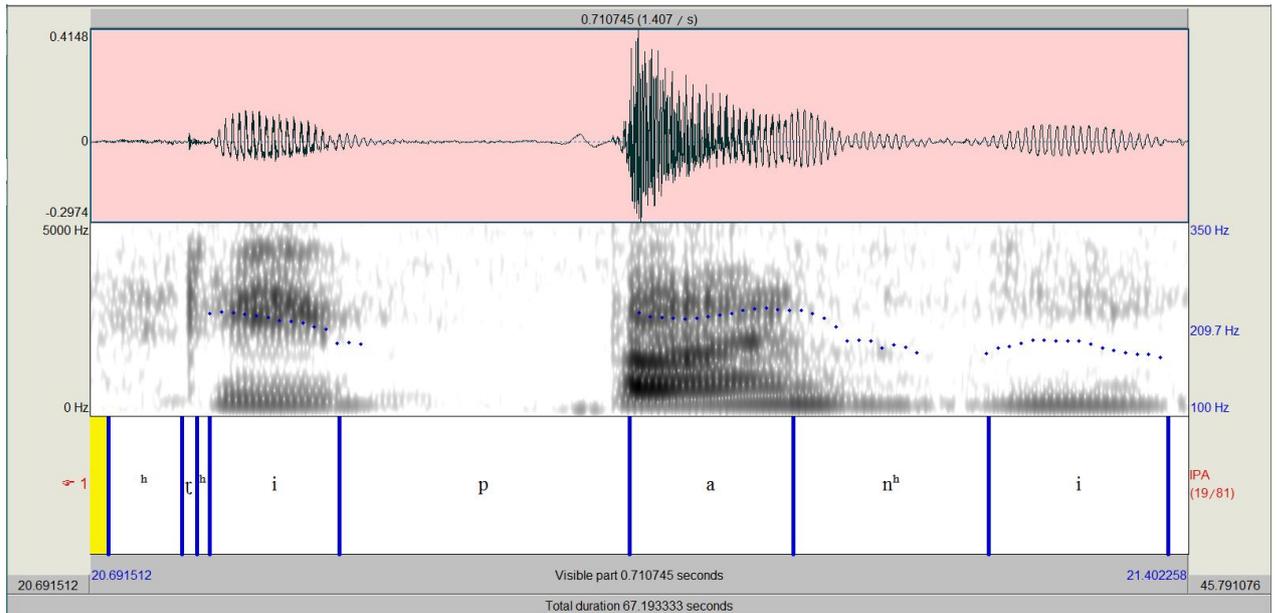


Imagem 6 – Espectrograma da palavra 'ele mexe ~ pega', falante Valkiria



Como mostram os espectrogramas seguintes, o flepe ocorre pré e pós aspirado nas falas de Frank e de Valkiria.

Imagem 7 – Espectrograma da palavra 'bicho de pé dele', falante Frank

['^hʧi:ta] / ['^hʧi:ta] 'bicho de pé dele'

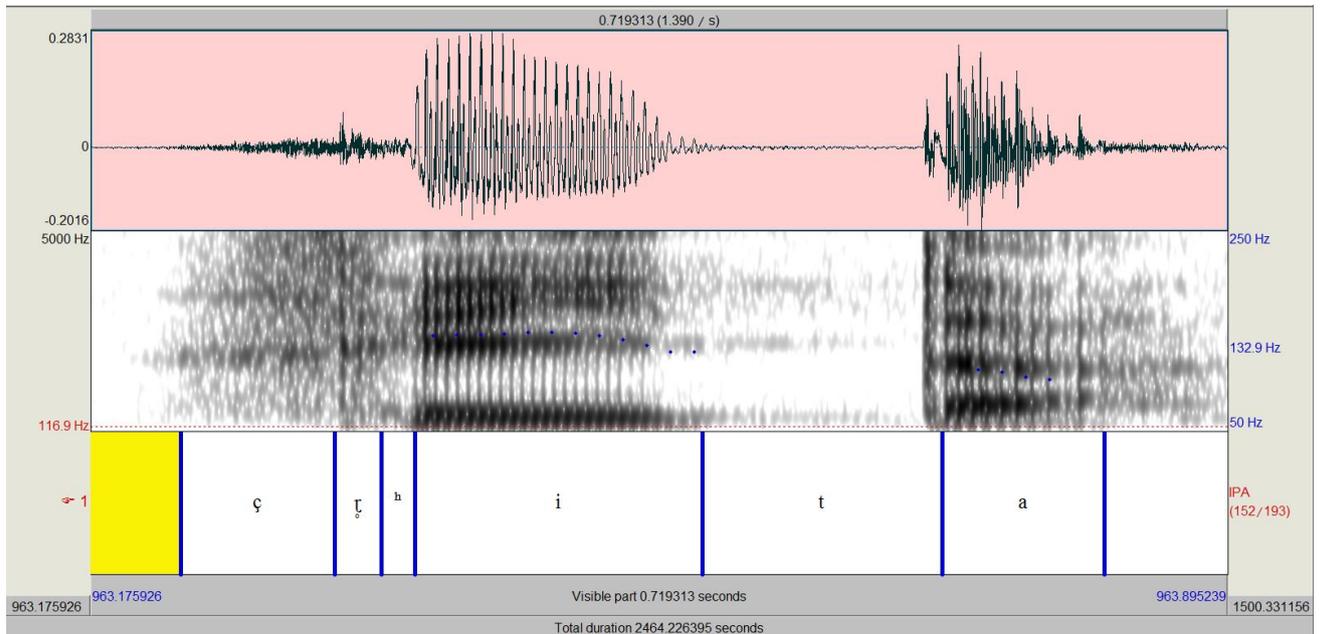
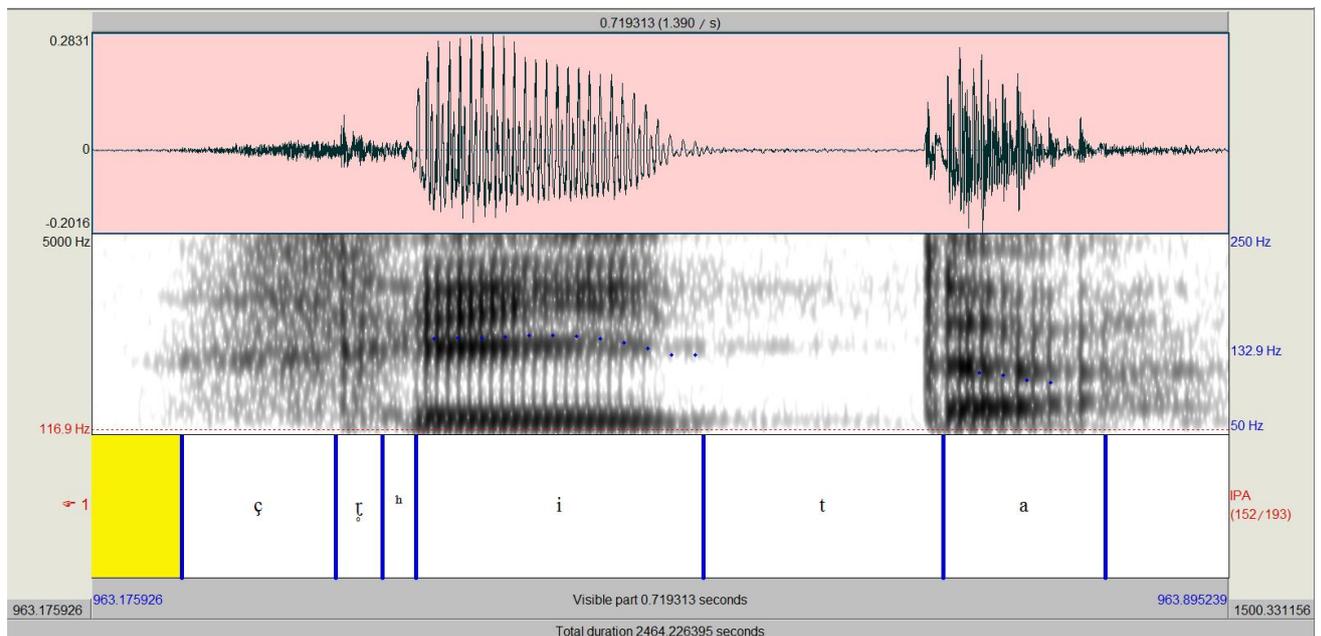


Imagem 8 – Espectrograma da palavra 'bicho de pé dele', falante Valkiria



3.10.2 A fricativa retroflexa [z]

Quanto à fricativa retroflexa sonora [z], Taylor a analisa como uma soante vibrante palatal oral, representada por *rr*, com uma variante fricativa que se pronuncia, segundo o autor, como o *j* do português. Entretanto, ele considera que essa fricativa retroflexa se neutraliza com *r* entre duas vogais anteriores, observando que “não é necessário repetir a letra *r* neste contexto: *neeri* (neerri) "veado". Mas não há neutralização como propõe Taylor, pois esta palavra pronuncia-se [ˈnez̥i], tanto na fala de Frank, como na fala de Valkiria. Para Ramirez, este som é uma líquida velar.

Nos nossos dados, trata-se de uma fricativa retroflexa sonora, muito próxima das fricativas retroflexas sonoras de outras línguas Aruák, como Amuesha (AKHIENVALD, 2012), Wapixana (SANTOS, 2006). Nesse aspecto, concordamos com a análise de Souza (2012), que postula a existência de uma fricativa retroflexa sonora em Baníwa-Koripáko. Os espectrogramas seguintes mostram a configuração acústica deste som:

Imagem 9 – Espectrograma da palavra ‘cocar’, falante Frank
 [ˌpaʒamaˈʔi:ta] / [paʒamaˈʔi:ta] ‘cocar’

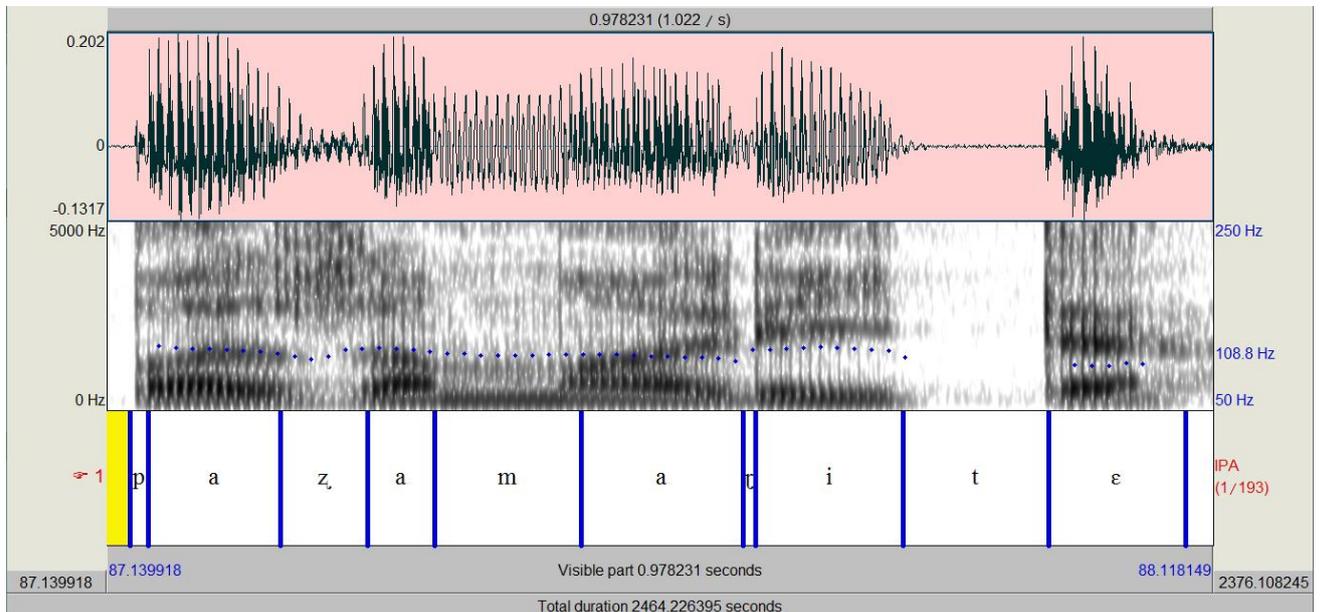
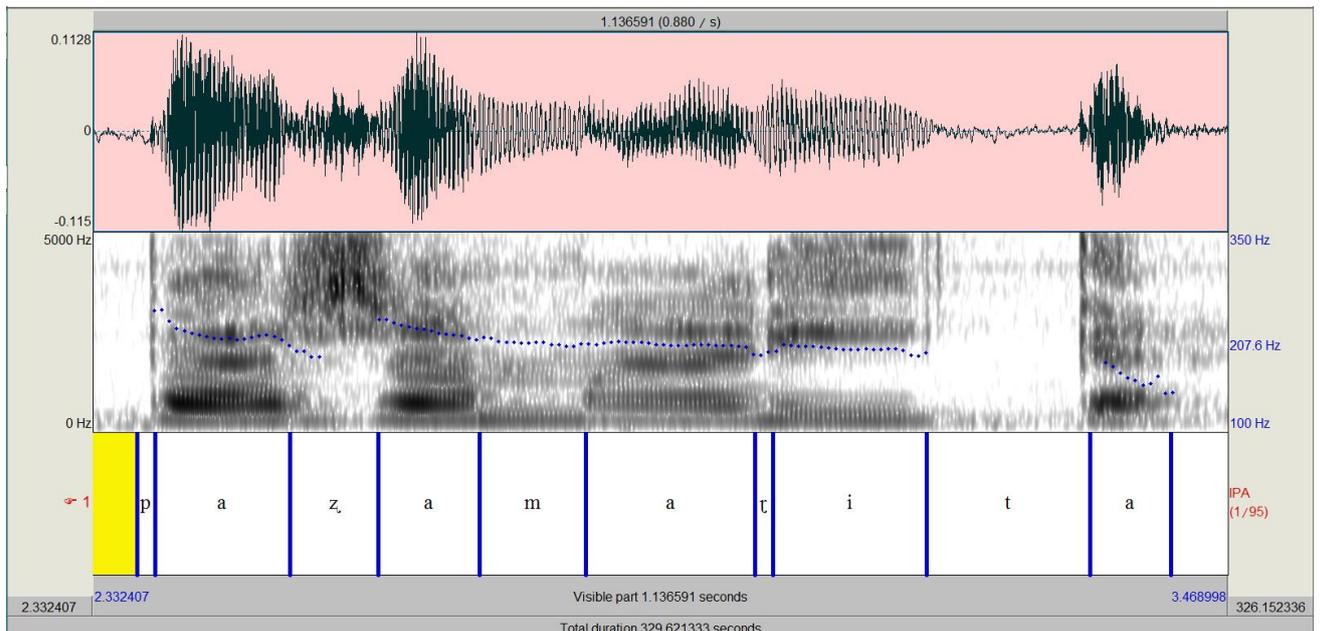


Imagem 10 – Espectrograma da palavra ‘cocar’, falante Valkiiria



3.11 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Vimos, neste capítulo que na produção dos sons da língua Baníwa-Koripáko, distinguem-se seis modos de articulação e sete pontos de articulação. Mostramos que pelo critério de contraste em ambiente análogo ou idêntico que confere aos sons contrastados o estatuto de fonemas, o Baníwa possui fonemas oclusivos aspirados, como propôs Taylor (1991). Ademais, há ocorrências sons aspirados que não se pode provar que são motivados por

metátese, como propõe Ramirez (2001). Argumentamos em favor da existência de sons retroflexos, dois flepes (um surdo e um aspirado) e uma fricativa. Consideramos que o /h/ é fonte de nasalidade na língua e que há palavras cujo acento cai na última sílaba. Finalmente, os espectrogramas aqui apresentados mostram fatos interessantes sobre as ocorrências do flepe surdo, como sua pré e pós aspiração, assim como ocorrências plenamente surdas.

4. CONCLUSÃO

Nesta dissertação, cumprimos nosso objetivo: o de realizar uma análise de aspectos importantes da fonologia do Baniwa-Koripáko falado em duas comunidades no Médio Içana. Os dialetos foram aqui representados por Franklin Baniwa e a autora desta dissertação, marido e esposa que convivem há mais de 25 anos, mas que ambos mantêm, em suas falas, características de seus dialetos de origem, como os nomes que tradicionalmente distinguem gênero e dialetos, como por exemplo o ‘não’ que é [‘ỹãme] (Frank) e [‘ka:zo] (Valkiria), e [tsj’ãri] (Frank) / [a:’tsia] (Valkiria) ‘homem’.

Mas há também diferenças nas formas fonológicas de certas palavras como em [‘pãntj] (Valkiria) / [‘pãntɛ] (Frank) ‘casa’ e [‘ɲama’mi] (Valkiria) / [‘ɲemã’mi] (Frank) ‘barulho deles’.

Apresentamos a nossa própria análise dos fonemas da língua, mas sem ignorar os estudos precedentes, todos importantes, embora demos destaque especial à importância do estudo de Taylor (1991). Como já mencionamos aqui, nossa análise concorda em vários pontos com a análise de Taylor, principalmente no que diz respeito ao contraste entre consoantes surdas e aspiradas, ao /h/ como fonte de nasalidade. Trouxemos novos dados do Baniwa, e acrescentamos alguns espectrogramas que mostram a realização surda do flepe aspirado, assim como a o modo de articulação fricativa da fricativa retroflexa.

Ao estudar a fonologia do Baniwa, constatei a importância do presente estudo para o meu trabalho como professora da minha língua nativa. Mas o estudo foi também importante para se tratar de autoria indígena, o que parecia impossível uma década atrás. Finalmente o presente estudo é uma contribuição que se soma aos estudos precedentes, levantando questões para futuras discussões que venham a ampliar o conhecimento linguístico sobre a língua.

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, Alexandra Y. The Arawak language family of The Amazonian languages. Cambridge: Cambridge University Press. 1999b, p. 65–106.

BERLIN, Brent & KAUFMAN, Terrence & CARSON, Neusa & RODRIGUES, Aryon. Diagnostic vocabulary. In: Projeto de Documentação das Línguas Indígenas da América do Sul. [South American Indian Languages Documentation Project (SAILDP)]. Berkeley: University of California; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1986. Mimeo.

BEZERRA, Zenilson A. Processos Fonológicos e as subclasses dos morfemas em Curripaco. Manuscrito, New tribes of Brazil. 1997

BOLEY, Frederick e Paula. Descrições preliminares da gramática baniwa. New Tribes of Brazil (manuscrito). 1979.

CAMACHO, Rodrigo Simão. O ensino da geografia e a questão agrária nas séries iniciais do ensino fundamental. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana-MS.

COUTO, Fábio Pereira. : Contribuições para a Fonética e Fonologia da Língua Manxineru (Aruák). Dissertação (mestrado em linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

COUTO, Fábio Pereira. Conexões entre processos morfofonológicos e acento em Manxineru: a variedade Yine (família Aruák) falada no Brasil. xxvi, 368 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FRANÇA, M. C. Victorino. Baniwa-Siusi: Um tratamento não linear. Florianópolis: UFSC. 1993. (Dissertação de mestrado)

GONÇALVES, Artur Garcia. Para uma dialetologia Baniwa-Kuripáko do rio Içana. vii, 120 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

MATISOFF, James A.. Rhinoglottophilia: the Mysterious Connection between Nasality and Glottality. In Ferguson, Charles A. and Hyman, Larry M. and Ohala, John (eds.), Nasalfest, 265-288. Stanford: Language Universals Project, Department of Linguistics, Stanford University, 1975.

MELGUEIRO, Edilson Martins. Sobre a natureza, expressão formal e escopo da classificação lingüística das entidades na concepção do mundo dos Baniwa. Dissertação de Mestrado, UnB. 2009.

PIKE, Kenneth. Phonetics a Critical Account of Phonetic Theory and a Technique for thePractical Description of Sounds. Ann Arbor. The University of Michigan Press, 1943.

_____. Phonemics a Technique for Reducing to Writing. Ann Arbor. The Universite or Michigan Press, 1947.

QUINTINO, Wellington Pedrosa. Aspectos da fonologia Xavante e questões relacionadas: rinoglotalia e nasalidade. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

RAMIREZ, Henri. Dicionário do Baniwa-Curripaco. Manaus: EDUA. 2001.

RODRIGUES, Aryon D. Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras. Letras de Hoje, v. 38, n. 4. Porto Alegre, 2003. p. 11–24.

SANTOS, Manoel Gomes dos Santos. Uma gramática do Wapixana (Aruak): aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2006.

SANTOS, Sérgio A. Botileiro. Análise Fonológica da Língua Kurripako, descrição preliminar. New Tribes of Brazil (manuscrito).1996.

SCHEIBE, Paul. Phonemic Analysis of Baniwa. New tribes of Brazil. Manuscrito no Museu Nacional no Rio de Janeiro. 1957.

SOUZA, Erick Marcelo de Lima. Estudo fonológico da Língua Baniwa-Kuripako. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2012.

TAYLOR, Gerald. Introdução à língua Baniwa do Içana. Editora da Unicamp. Campinas, 1991.

VALADARES, Simoni M. B. Aspectos fonológicos da língua kurripako (falas kumandáminani e ayáneni). Florianópolis: UFSC, 1993. (Dissertação de Mestrado).